



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS CURITIBANOS, CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOSISTEMAS AGRÍCOLAS E  
NATURAIS

André da Silva Indú

**Etnoconhecimento associado ao uso de *Saba senegalensis* (Fole) na Guiné-  
Bissau**

Curitibanos  
2023

André da Silva Indú

**Etnoconhecimento associado ao uso de *Saba senegalensis* (Fole) na Guiné-  
Bissau**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Siminski  
Coorientador: Prof. Dr. Maurício Sedrez dos Reis

Curitiba

2023

INDU, André da Silva

Etnoconhecimento associado ao uso de *Saba senegalensis* (Fole) na Guiné-Bissau / André da Silva INDU ; orientador, Alexandre Siminski, coorientador, Maurício Reis, 2023.

73 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais, Curitibanos, 2023.

Inclui referências.

1. Ecossistemas Agrícolas e Naturais. 2. Conhecimento tradicional . 3. Espécie autóctone . 4. extrativismo. I. Siminski, Alexandre. II. Reis, Maurício. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais. IV. Título.

André da Silva Indú

**Etnoconhecimento associado ao uso de *Saba senegalensis* (Fole) na Guiné-Bissau**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 06 de Setembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr.: Alexandre Siminski

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup>: Dra. Karine Louise dos Santos

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Dra.: Samantha Filippon

Instituição SESC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Ciências

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof. Dr.: Alexandre Siminski

Orientador

Curitiba, 2023

“Dedico esta dissertação à minha querida irmã Vanusa da Silva Indú (*in memoriam*), cuja presença foi essencial na minha vida.”

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação marca o fim de uma jornada desafiadora e gratificante. Durante esse percurso, inúmeras pessoas (professores e colegas) desempenharam papéis fundamentais em minha jornada acadêmica e na elaboração deste trabalho. Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos os que tornaram possível a realização deste estudo.

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Siminski e ao meu coorientador Prof. Dr. Maurício Sedrez dos Reis, pela orientação excepcional, paciência e dedicação ao longo de todo o processo.

Também gostaria de agradecer aos membros da banca examinadora, Prof. Dra. Karine Louise dos Santos e Dra. Samantha Filippon, por dedicarem seu tempo e experiência para avaliar este trabalho e fornecer *feedback* valioso.

À minha família, meu apoio inabalável, amor e encorajamento foram inestimáveis. Vocês sempre acreditaram em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores, e isso me deu a força para continuar.

Aos amigos e colegas que compartilharam comigo as alegrias e dificuldades desta caminhada, saibam que suas palavras de incentivo e apoio moral foram essenciais para superar os obstáculos.

À UFSC, em especial à PPGEAN, que me proporcionou recursos e um ambiente de aprendizado propício ao longo deste percurso, agradeço profundamente.

À NESBIO, pelo aprendizado, apoio e sugestões, que contribuíram de forma positiva neste processo, meu muito obrigado.

Além disso, quero reconhecer o apoio financeiro fornecido pela CAPES e FAPESC que tornou possível a realização deste estudo.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer a todos os participantes da pesquisa, cuja colaboração e disposição em compartilhar suas experiências enriqueceram este trabalho.

Este estudo não teria sido concluído sem o esforço coletivo e a contribuição de todos vocês. Mais uma vez, obrigado do fundo do meu coração por fazerem parte desta jornada.

"Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes,  
consegue mudanças extraordinários."  
Provérbio africano

## RESUMO

A Guiné-Bissau, país localizado na região costa ocidental da África, é conhecido por sua rica biodiversidade e pela presença de comunidades locais (grupos étnicos) que possuem um vasto conhecimento tradicional sobre o uso de recursos naturais. Entre as espécies de grande importância na cultura e no cotidiano dessas comunidades está a *Saba senegalensis* (Fole), uma planta da família Apocynaceae, é amplamente utilizada para uma variedade de fins, desde medicinal até alimentício e ritualístico (componentes intrínsecos da cultura). O objetivo deste trabalho foi sistematizar o conhecimento local sobre *Saba senegalensis* (Fole) na Guiné-Bissau, analisando a diversidade de uso e a distribuição dos saberes com relação a Fole nas diferentes regiões e em diferentes grupos étnicos. O tipo de pesquisa adotado foi levantamento etnográfico, como método de amostragem de tipo *Snowball*. Foram realizadas 20 entrevistas-chaves em 4 regiões da Guiné-Bissau (Oio, Cacheu, Quinara e Tombali), sendo 5 entrevistados por cada região. Foram abordadas questões com relação ao perfil dos informantes, tipos de uso e formas de colheita. Para comparação entre categorias com dois grupos usou-se o teste *Mann Whitney*, e para 3 ou mais grupos o teste de *Kruskal-wallis*, com valor do  $p = 5\%$ . A idade dos informantes variou de 25 – 63 anos com uma média de 45,3 anos e, quanto ao sexo o número de informante do sexo feminino foram 8 = 40% e do sexo masculino 12 = 60%. Foram citados 21 diferentes tipos de uso e 5 partes da planta, das quais foram agrupados, categorizados e analisados utilizando testes não paramétricos para avaliar a distribuição dos saberes entre grupos étnicos e regiões. Observou-se que o conhecimento local sobre *Saba senegalensis* está intrinsecamente ligado ao contexto cultural, histórico e ambiental das comunidades, outrossim, está vinculado a ocupação laboral entre os gêneros. A distribuição de conhecimento de Fole quanto as regiões e grupos étnicos não apresentam diferenças significativas. No entanto, a fole sendo uma planta frutífera tem uma possibilidade real de contribuir na diversificação de alimentação mundial devido ao crescimento populacional. Além disso, é rico em carboidratos e em vitaminas A, K e C, o que a torna um potencial mecanismo de combate à desnutrição nos países em desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Conhecimento tradicional 1; Espécie autóctone 2; extrativismo 3.



## ABSTRACT

Guinea-Bissau, a country located in the western coast region of Africa, is known for its rich biodiversity and the presence of local communities (ethnic groups) that have a vast traditional knowledge about the use of natural resources. Among the species of great importance in the culture and daily life of these communities is the *Saba senegalensis* (Fole), a plant of the family Apocynaceae, is widely used for a variety of purposes, from medicinal to food and ritualistic (intrinsic components of the culture). The objective of this work is to systematize the local knowledge regarding its use, to analyze the diversity of use and the distribution of knowledge regarding Fole in different regions and in different ethnic groups. The type of research adopted was the ethnographic survey interview, as a Snowball-type sampling method. 20 key interviews were carried out in 4 regions of Guinea-Bissau (Oio, Cacheu, Quinara and Tombali), with 5 interviewees for each region. Questions related to the informants' profile, types of use and collection methods were addressed. The age of the informants ranged from 25 to 63 years old with an average of 45.3 years old and, regarding gender, the number of female informants was 8 = 40% and 12 males = 60%. 21 different types of use and 5 parts of the plant were cited, which were grouped, categorized and analyzed using non-parametric tests to assess the distribution of knowledge between ethnic groups and regions. It was observed that local knowledge about *Saba senegalensis* is intrinsically linked to the cultural, historical and environmental context of the communities, and is also linked to employment between genders. The distribution of Fole's knowledge across regions and ethnic groups does not show significant differences. However, bellows being a fruitful plant has a real possibility of contributing to the diversification of the world's diet due to population growth. Furthermore, it is rich in carbohydrates and vitamins A, K and C, which makes it a potential mechanism to combat malnutrition in developing countries.

**Keywords:** Traditional knowledge 1; Autochthonous species 2; extractivism 3.

## RESUMO

Guiné-Bissau i um pais ku sta lokalizadu na kosta osidental di Afrika, tera pikininu ma ku garandi rikeza natural, ku tene tamba manga di grupos etnikus, i es grupu etnikus tene manga di kunhisimentu sobri rekursus ku sta a volta delis (planta, riu, lagua) pabia di nsinamentu ku e ta risibi di mas garandi pa mas pikininus, ku ta pasadu di djorson pa djorson. Pabia di es nsinamentu e ta usa manga di rekursus naturais suma por exemplo planta pa kume, pa alimenta se animais, suma tambe pa fasi mesinhu. Dentre di es grupu di spesie di planta ku ta usadu pa es finalinadi i sta *Saba senegalensis* (foli) ki um planta di familia Apocynaceae ku ta usadu pa manga di kusas desdi alimentason, mesinhu, suma na sirmonia tambe. Objetivo di es tarbadju i djunta tudu kil nsinamentu sobre foli na Guiné-Bissau pa djubi tipus di usu ku distribuison di kunhisimentu na difrentis regions ku grupos etnikus. Tipu di piskisa ku usadu nes tarbadju i levantamento etnografiku ku metudu di amostragem di tipu *Snowball*. Na es tarbadju i fasidu 20 intrivistas chaves na 4 regions ku sedu Oio, Cacheu, Quinara ku Tombali, na cada region i fasidu 5 intrevista. Na intrevista i fasi kistons pa sibi di perfil di intrivistado, tipu di usu ku i ta fasi di foli, kuma ku e tira foli entre ustrus kistons. Dados ku tiradu la danu i quantitativa ku qualitativa pa usa estatística não paramétrica. Dadus organizadu i ordenadu i kriadu kategorias, pa komparason na kategorias di dus grupu i usadu teste di *Mann White* i pa tris o mas kategorias i usadu teste di *Kruskal-Wallis* ku balur di  $p=5\%$ . Idade di informantes i di 25 a 63 anos, nunde ku media di idade i 43 anos. Na kil ku ta fala di sexo di informatis, 8 i femias (40%) i 12 i machus (60%). I registadu 21 tipus di manera di usa foli, tamba i odjadu kuma kunhisimentu di foli ista ligadu ku kontextu kultural, storiku i ambiental, di mesmu manera ista ligadu tamba ku tarbadju ku matcus ku femias ta disinpenha. Na regions grupos etnikus i odjau kuma distribuison di es kunsimentu ka mostra diferenca estatisticamente. Mas odjadu kuma foli tene putensial pa kontribui na diversifikason di alimentason mundial, além di kila i pudi sirbi di mekanismu pa kombati disnutison na paisis em desenvolvimentu, pabia i riku na vitamina A, K e C ku karboidatus.

**Palavras-chave:** kunhisimentu di tchom 1; Espécie autóctone 2; extrativismo 3.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: regiões fitogeográficas de África ocidental.....	21
Figura 2: Área de ocorrência de <i>S. senegalensis</i> na África.....	23
Figura 3: Flores de <i>Saba senegalensis</i> .....	24
Figura 4: Fruto de <i>Saba senegalensis</i> .....	25
Figura 5: Divisão geopolítica e zoneamento rural da Guiné Bissau .....	30
Figura 6. Regiões delimitadas para a realização das entrevistas, dentro das Zonas Rurais previamente definidas.....	33
Figura 7: Percentagem de grupos étnicos pertencentes aos informantes chaves.....	37
Figura 8: Fruta de fole maduro e suco de fole preparado para o consumo.....	41
Figura 9: Armadilha de Pesca "Kambua" .....	42
Figura 10: rede de pesca artesanal "ridia di Piska".....	44
Figura 11: cesteira "Balei" comercializado na feira livre de cidade de Cacheu Região de Cacheu.....	45
Figura 12: Nhgaié com pulseira feita de ramo de fole colocado no ante braço. ....	45
Figura 13: Cerca feita com ramos de fole, no interior de Nhoma na região de Oio....	47
Figura 14: Abrigo para gados "coral" construído na seção de Nhacra.....	48
Figura 15: Casamento tradicional da etnia fula .....	48
Figura 16: Fole consumido in natura, temperado a açúcar .....	50

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Valor de consenso de informantes (VCI) para áreas de ocorrência de <i>S. senegalensis</i> na região de Oio, Tomabali, Quinara e Cacheu.....	57
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados socioeconômicos dos informantes relacionado a regiões, grupos étnicos, idade, gênero e principais fonte de renda e as ocupações laborais. ....	36
Tabela 2: Categorização, frequência de citações e estimativa de valor de uso de <i>Saba senegalensis</i> com base em nomes em Criolo “Kriol”. E.V.U = estimativa de valor de uso $EVU = Nvc/n$ , $Nvc$ = número de vezes citados $n$ = número total dos entrevistados .....	40
Tabela 3: Dados sobre números de citações de diferentes tipos de uso de <i>Saba senegalensis</i> , para categorias com dois ou mais grupos de informantes. Índice de grau de distribuição e grau de homogeneidade do conhecimento local de fole (Valor de diversidade de informante (VDI*) e valor de diversidade de uso (VDU**)).....	52
Tabela 4: Frequência de uso de ferramenta de colheita (catana e foice) e altura de corte ( $H = 0-10$ ; $11-21\text{cm}$ ) em diferentes categorias e valores de diversidade de informante (VDI) e valor de diversidade de uso (VDU) em relação à colheita da fruta de fole. ....	54
Tabela 5: Frequência de citações de ciclos de comercializações de três categorias de venda para as regiões, com respectivos medias e desvio padrão .....	55

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>20</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO/ FITOGEOGRAFIA NA GUINÉ-BISSAU .....	20
3.2	FÓLE LIFANTI ( <i>SABA SENEGALENSIS</i> ) ÁREA DE OCORRÊNCIA E ASPECTOS BOTÂNICOS .....	23
3.3	ETNOCONHECIMENTO.....	25
3.4	DOMESTICAÇÃO DE PAISAGENS E EXTRATIVISMO .....	27
3.5	CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE .....	29
<b>4</b>	<b>MATÉRIAS E MÉTODOS</b> .....	<b>30</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL DA ÁREA DO ESTUDO .....	30
4.2	DELIMITAÇÃO E ESTRATÉGIA DO ESTUDO E PESQUISA.....	32
4.3	ANÁLISE DOS DADOS .....	34
<b>5</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>36</b>
5.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	36
5.2	CATEGORIAS DE USO DE <i>SABA SENEGALENSIS</i> .....	38
5.3	DESCRIÇÃO DE SITUAÇÃO DE USO POR CATEGORIAS.....	41
<b>5.3.1</b>	<b>Bebida - Suco “sumo di foli”</b> .....	<b>41</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Armadilha de pesca “Kambua”</b> .....	<b>41</b>
<b>5.3.3</b>	<b>Rede de pesca “<i>Ridia di piska</i>”</b> .....	<b>42</b>
<b>5.3.4</b>	<b>Cesteira “Balei”</b> .....	<b>43</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Pulseira “monhi”</b> .....	<b>44</b>
<b>5.3.6</b>	<b>Escultura “boneku”</b> .....	<b>45</b>
<b>5.3.7</b>	<b>Cercas “tapada”</b> .....	<b>45</b>
<b>5.3.8</b>	<b>Abrigo para animais “coral/tchikeru”</b> .....	<b>46</b>
<b>5.3.9</b>	<b>Borracha “buraxa”</b> .....	<b>47</b>
<b>5.3.10</b>	<b>Bola</b> .....	<b>47</b>
<b>5.3.11</b>	<b>Rituais</b> .....	<b>47</b>

5.3.12	Tratamento de queimadura ( <i>kemadura</i> ).....	48
5.3.13	Inflamação ( <i>intchadura</i> ).....	48
5.3.14	Abcesso ( <i>mandita</i> ).....	49
5.3.15	Alimentação.....	49
5.4	CATEGORIA DE USO, DISTRIBUIÇÃO E IMPORTÂNCIA DO FOLE NO CONHECIMENTO LOCAL .....	50
5.4.1	Diversidade de categoria de uso pelos grupos étnicos .....	50
6	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>56</b>
6.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS CONHECIMENTO LOCAL DE SABA <i>SENEGALENSES</i> .....	56
6.2	USO DE FOLE E A CONJUNTURA DE CONHECIMENTO LOCAL.....	59
6.3	EXTRATIVISMOS, CONSERVAÇÃO E PERSPECTIVA DE DOMESTICAÇÃO .....	61
6.4	CADEIA COMERCIAL DE SABA <i>SENEGALENSES</i> .....	64
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As florestas Guineense compõe a região biogeográfica de transição guineo-cogolesa, estas formações florestais apresentam uma rica biodiversidade de fauna e flora (IBAP, 2008). Nela, encontra-se comunidades tradicionais (grupos étnicos) que detêm do conhecimento sobre recursos naturais (MEDINA, 2008). Entre as espécies de grande importância na cultura e no cotidiano dessas comunidades destaca-se *Saba senegalensis* (Fole), uma planta da família Apocynaceae.

*Saba senegalensis* é amplamente utilizada para uma variedade de fins, desde medicinal até alimentício e ritualísticos (componentes intrínsecos da cultura). Esta espécie tem uma ampla distribuição no país e faz parte da identidade cultural de várias etnias, como explica Frazão-Moreira (2014) quando estuda as classificações botânicas da etnia Nalu na Guiné-Bissau, mostrando o aspecto cultural presente no processo de denominação taxonômica local.

Além de fornecer recursos valiosos para as comunidades locais, a preservação do conhecimento tradicional/ local sobre o uso de *Saba senegansis* também pode contribuir para a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas. Ao longo de gerações, as comunidades tradicionais desenvolveram um profundo entendimento das propriedades ecológicas dessa planta, bem como das melhores práticas para garantir sua disponibilidade a longo prazo (SHEBITZ, 2005).

Apesar da importância do tradicional associado ao uso de *Saba senegalensis*, é necessário considerar desafios como a perda de conhecimentos devido à êxodo rural, alterações nos padrões de vida e apropriação não sustentável dos recursos naturais. Portanto, a valorização e a preservação desse conhecimento tradicional são fundamentais para a promoção da sustentabilidade e da conservação da biodiversidade.

O conhecimento local vem sendo abordado em várias pesquisas e em lugares variados, com o objetivo de manifestar práticas e culturas, assim como suas relações com o ambiente (NASCIMENTO, 2019). Esse conhecimento engloba não apenas informações sobre a identificação, propriedades e usos das plantas, mas também abrange outros aspectos culturais, como crenças, práticas de manejo ecológico e técnicas de uso sustentável (ELLIS,2018).



Esta dissertação procura documentar a prática e cultura de grupos étnicos e regiões distintas, referente ao uso de *Saba senegalensis* na Guiné-Bissau. O emprego desta espécie como modelo de estudo está relacionado a sua importância econômica no seio da agricultura familiar guineense, pois constitui um dos maiores produtos de extrativismo no país. (BARROS, 2019)

A espécie traz consigo um arcabouço sociocultural de grande importância, visto que, os seus múltiplos usos refletem no conhecimento local sobre alimentação, medicina tradicional, construção, lazer, entre outros. No entanto, compreender e sistematizar este conhecimento, é uma das formas de manter vivas as práticas e saberes etnobotânica e etnoecológicos dos povos (DAVIDSON-HUNT et al, 2005)

Devido a um conjunto de fatores, o incentivo a pesquisa tornou-se algo descontínuo na sociedade guineense, com isso, desencadeou-se um lacunas na literatura de diversos estudos, quando comparado aos demais países da costa ocidental africana. Portanto, este estudo é inédito no cenário acadêmico e social guineense e se faz necessário para incrementar banco de dados com relação a espécies autóctones.

Além disso, a população mundial está em crescimento exponencialmente, estima-se que o número da população mundial pode atingir a 9,8 bilhões até 2050 (ONU, 2019). Esse crescimento impactará na agricultura, no meio ambiente, no sistema de produção de alimento e na disponibilidade de alimento. Para fazer face a esse problemática é preciso conhecimento e exploração de recursos naturais outrora de uso exclusivo para extrativismo para ampliar o leque da diversificação alimentar. Neste sentido, à necessidade de estudos sobre espécies autóctones, ampliado a diversificação de alimento (OREN et. al, 2017).

Espera-se com este trabalho, do ponto de vista acadêmico, gerar dados e serve de incentivo, embasamento teórico e guia de consulta para trabalhos advindos, pois a Guiné-Bissau carece de materiais na literatura que abordam questões deste gênero. Adicionalmente, espera-se que este estudo contribua com os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo geral

Compreender e sistematizar o conhecimento local e inferir sobre a perspectiva de domesticação no que concerne ao uso de *S. senegalensis* na agricultura familiar guineense

### 2.2 Objetivo específicos

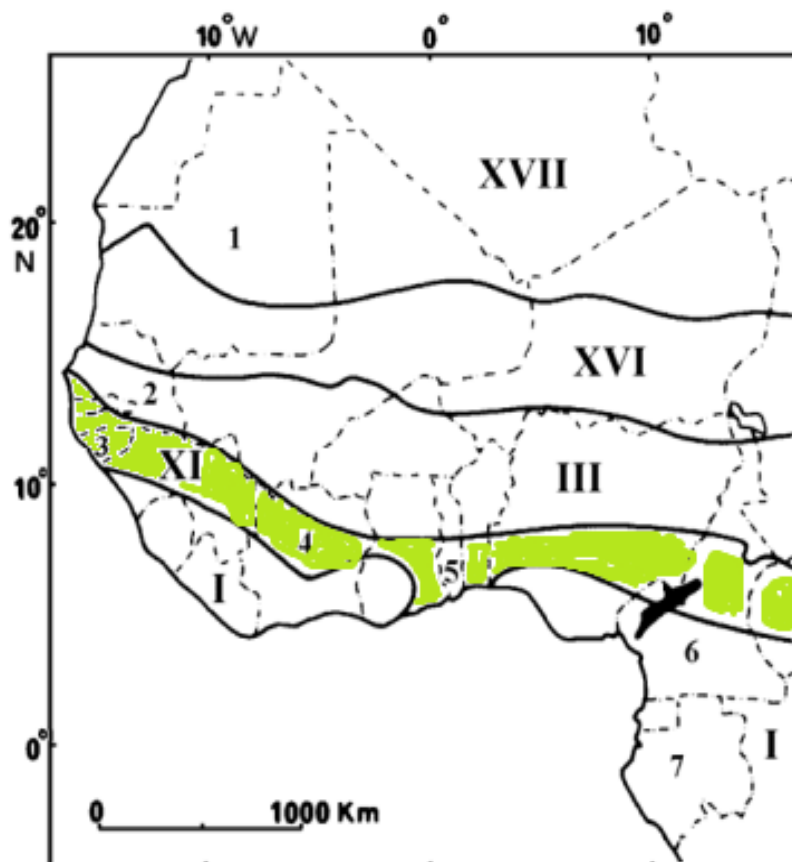
- Sistematizar os saberes locais relativamente aos usos e costumes de *Saba senegalensis*;
- Analisar a diversidade de uso entre as regiões geopolíticas da Guiné Bissau;
- Analisar a diversidade de uso entre os grupos étnicos;
- Inferir, através da análise de diversidade de uso entre regiões e grupos étnicos, a perspectiva de domesticação da paisagem de ocorrência de *S. senegalensis*.

## 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO/ FITOGEOGRAFIA NA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau é um país localizado em uma região de transição climática e fitogeográfico (figura 1), com uma extensão territorial de 36,125 km<sup>2</sup>, muito pequeno em comparação aos demais países da sub região, mesmo com essa discreta extensão territorial, apresenta uma biodiversidade aliciador no que diz respeito a fauna e flora.

Figura 1: regiões fitogeográficas de África ocidental



I - Centro regional de endemismos Guineo/Congolês; III - Centro regional de endemismos Sudanês; XI - Zona de transição regional Guineo-Congoleza/Sudanesa; XVI - Zona de transição regional do Sael; XVII - Zona de transição regional do Sara.  
 1 - Mauritânia; 2 - Senegâmbia; 3 - Guiné-Bissau; 4 - Costa do Marfim; 5 - Togo; 6 - Camarões; 7 - Gabão

Fonte: adaptação WHITE (1983).

Pela sua localização geográfica, de acordo com a enquadramento fitogeográfico de White (1983), situa-se na Zona de Transição Regional Guineo-Congoleza/Sudanesa (figura 1). Desta posição geográfica de transição resulta a uma elevada concentração de valores naturais, que se pode considerar notável atendendo à dimensão do país (JANEIRO et al. 2008). A vegetação predominante inclui formações secundárias, como savanas arborizadas, florestas abertas e algumas manchas residuais de formações florestais.

As florestas densas são caracterizadas por um estrato arbóreo denso, com copas sobrepostas, enquanto as florestas abertas consistem em árvores de grande

porte com copas menos sobrepostas. Esses dois tipos de vegetação são predominantes na região sul e sudoeste do país (CATARINO, 2019).

Os principais tipos de vegetação florestal terrestre na Guiné-Bissau são floresta densa, floresta aberta, palmar e savana arborizada. Nas margens alagáveis dos rios e lagoas encontram-se galerias florestais e nas zonas costeiras e estuarinas inundadas pela subida das marés desenvolvem-se manguezais. São também frequentes os pousios, com diferentes idades (CATARINO, 2019).

A conservação de florestas/paisagem, biodiversidade e recursos naturais na Guiné-Bissau vem ganhando notoriedade nas últimas décadas com a criação de Instituto de Biodiversidade e Áreas Protegidas (IBAP), mas a prática de conservação e proteção da fauna e flora já foi e é garantida por comunidades tradicionais, pelos anciões e pelas crenças tradicionais (CARDOSO, 2010). Um estudo realizado no sul do Brasil, demonstrou que as práticas tradicionais de manejo de bracatingais apresenta elementos conservacionistas da espécie (STEENBOCK e REIS, 2013). Portanto, as práticas conservacionistas também se fazem presente nas comunidades tradicionais e devem ser levados em consideração quando pretende-se legislar sobre áreas protegidas.

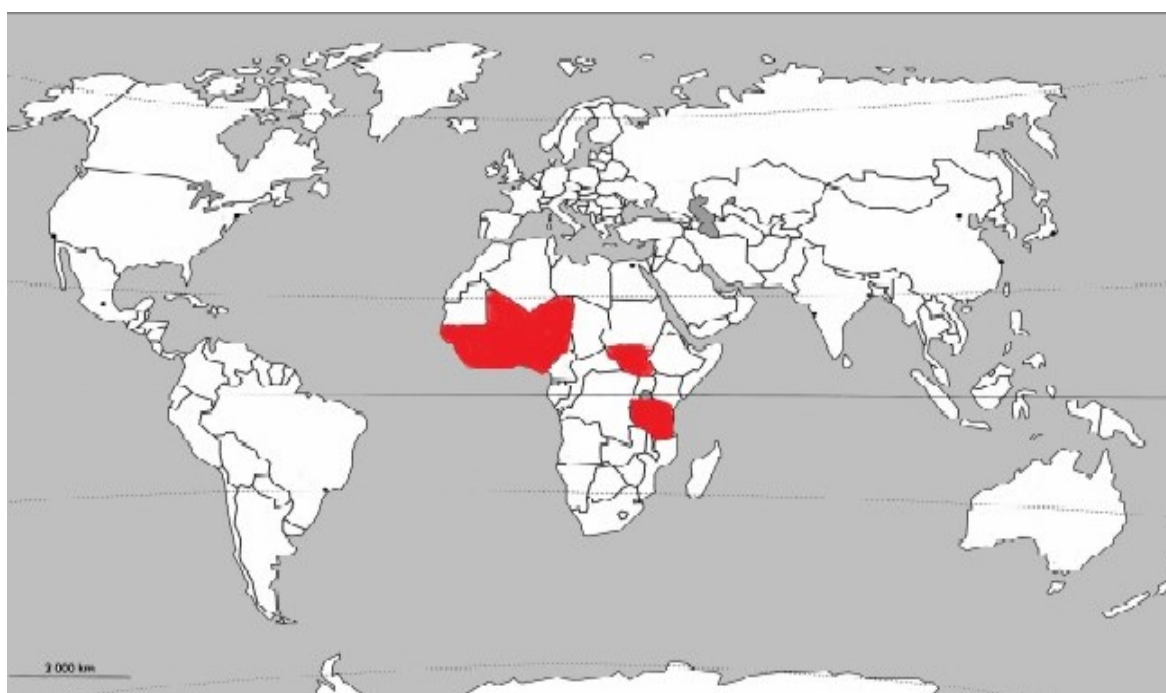
As áreas protegidas da Guiné-Bissau são organizadas em um sistema de zoneamento pelo IBAP (JANEIRO et al., 2008). As zonas centrais são consideradas completamente “intocadas”, muitas vezes sobrepostas a áreas consideradas sagradas de acordo com as crenças tradicionais. Existem também zonas onde certas atividades sustentáveis são permitidas, desde que compatíveis com os interesses da conservação da natureza. Por fim, há zonas onde as comunidades locais residem, pescam e cultivam a terra.

Todavia, segundo IBAP (2008) as zonas onde as comunidades residem e exercem as suas atividades agropecuárias, pode apresentar maiores probabilidade de risco a queimada, devido a pratica de queimada decorrente naquela zona. Esse método é utilizado para abrir novas áreas agrícolas ou abrir caminhos para caça em vegetações densas. O controle do fogo muitas vezes é perdido, causando danos nas áreas cultivadas e contribuindo para a diminuição progressiva da cobertura vegetal (MENDES, 2017).

### 3.2 FÓLE LIFANTI (*SABA SENEGALENSIS*) ÁREA DE OCORRÊNCIA E ASPECTOS BOTÂNICOS

*Saba senegalensis* (A. DC.) Pichon é da família Apocynaceae nativa de África com ocorrência em abundancia na costa ocidental africana, pode ser encontrada predominantemente em bosques e em certas savanas de Burkina Faso, do Senegal, da Guiné Conakry, da Guiné-Bissau, do Mali, de Gana e de Côte d'Ivoire (Figura 2), conforme SARR et al. (2018).

Figura 2: Área de ocorrência de *S. senegalensis* na África.



Fonte: SARR et. al. (2018)

Na Guiné-Bissau, a área de ocorrência da espécie é quase em todo o território, mas, com mais frequência na região sul e sudoeste do país devido a formação florestal daquela região, floresta densa, com arvores de crescimento médio e a copa sobrepostos (CATARINO, 2019).

A espécie é considerada um arbusto arbustivo ou trepador que pode produzir caules de até 15 metros de comprimento, a planta é altamente valorizada por seus frutos, que são colhidos na natureza e frequentemente vendidos nos mercados locais (CATARINO et al. 2019). Na Guiné-Bissau, conhecido como fole, é considerada uma espécie de extrativismo, mas na sub-região já foi ao mesmo tempo o principal fornecedor de borracha para Senegal, Guiné e Mali (NDIAYE et. al. 2018).

As suas flores brancas, amareladas ou esverdeadas são muito perfumadas (figura 3), os seus frutos são, alaranjados quando maduros, têm formato ovoide, medindo até 10 centímetros de comprimento e 8 centímetros de largura, sendo cheios de sementes revestidas de polpa (figura 4). São ricos em carboidratos e em vitaminas A, K e C. As suas sementes, quando consumidas frescas, têm um sabor ácido e são usualmente temperadas com açúcar, sal ou pimenta ou usadas como condimento. Também são utilizados para fazer sucos, xaropes e conservas. (KANOUTE 2020).

Relativamente a aspectos ecológicos, é importante ressaltar que *S. senegalensis* pode ser uma espécie potencial, utilizada para restauração e reflorestamento de áreas degradadas, pode ser utilizado como barreira natural devido a médio/alto porte. As árvores do *S. senegalensis* são santuários dos *Chlorocebus sabaesus* “santchu fula<sup>1</sup>” devido ao seu caule trepadeira que facilita a movimentação destes primatas (CATARINO, 2019).

Segundo Barros (2018), embora não muito estudado e cultivado servindo apenas para extrativismo, esta espécie compreende um valor socioeconômico importante. A polpa dos seus frutos (figura 4), com sabor ímpar, é o convite para sua alta procura no mercado; quando em falta, chega a custar o dobro do valor normal, no entanto tem sido agregado de valor para os extrativistas. As suas folhas e raízes além de serem usados como xaropes e medicamento tradicionais são também usados nos rituais tradicionais nas comunidades locais (BARROS, 2018).

Figura 3: Flores de *Saba senegalensis*



Fonte: autor (2023)

---

<sup>1</sup> Santchu fula: o nome em crioulo da Guiné-Bissau dado a macaco verde da África (*Chlorocebus sabaesus*)

Figura 4: Fruto de *Saba senegalensis*

Fonte: autor (2023)

### 3.3 ETNOCONHECIMENTO

O etnoconhecimento se refere ao conhecimento específico de um grupo étnico ou cultural sobre o mundo que o cerca. Ele engloba as crenças, tradições, práticas, modos de vida, saberes e técnicas transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade específica (ALBURQUERQUE et. al. 2013).

Este conhecimento está intimamente ligado à identidade de um povo e à sua relação com o ambiente em que vivem. Ele abrange uma ampla gama de áreas, como medicina tradicional, sistemas agrícolas, técnicas de pesca, artesanato, mitologia, rituais, cosmologia e outras formas de expressão cultural.

Miranda (2007), em trabalho realizado no Brasil, denominou como conhecimentos tradicionais e/ou etnoconhecimento, os conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração.

Esse conhecimento é transmitido principalmente por meio da tradição oral, ou seja, é desenvolvido à margem do sistema social formal (por meio de histórias, mitos, canções e práticas rituais). A transmissão do etnoconhecimento ocorre dentro da comunidade, geralmente por meio de anciãos ou líderes tradicionais que detêm esse conhecimento e o compartilham com os mais jovens.

Ainda segundo Miranda (2007), este conhecimento pode ser dinâmico e em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos. Pode-se, então, considerar etnoconhecimento o conhecimento produzido por diferentes etnias em diferentes locais no globo terrestre a partir do saber popular.

No Brasil o etnoconhecimento está especialmente ligado aos conhecimentos que os povos indígenas, quilombolas, afrodescendentes, caiçaras, entre outros povos, têm a compartilhar (MAFORT et. al. 2019).

Os povos amazônicos possuem conhecimentos sobre plantas medicinais, no entanto os que detêm esta sabedoria são aqueles chamados de pajés, xamãs, curandeiros, feiticeiros, benzedeiros, rezadeiras que consideram as plantas como seres sensíveis e sensitivos (BORRÁS, 2003).

Scudeller et al. (2009) destaca as contribuições do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais para o contexto econômico, social e cultural das comunidades locais na região da Amazônia Central. Segundo o mesmo autor o uso de plantas medicinais é um aspecto importante do conhecimento tradicional dessas comunidades e, muitas vezes, é a única fonte de recursos para sua sobrevivência.

Além disso, contribui para o campo da etnobotânica, fornecendo informações sobre a diversidade do uso de plantas e o conhecimento das comunidades locais relacionadas às plantas medicinais. Junior e Sato (2006), sugerem que a integração da educação ambiental e do conhecimento etnoecológico pode ser uma ferramenta poderosa para a conservação da biodiversidade.

Seguindo os pressupostos do conceito de etnoconhecimento (MAFORT et. al. 2019; BORRÁS, 2003; SCUDELLER et al. 2009), para conjuntura guineense, pode-se associá-lo ao conhecimento que diferentes grupos étnicos, em diferentes regiões compartilham, no tocante à obtenção de produtos a partir de plantas, caça, pesca, produção entre outras atividades que compõem os seus modos de vida e a sua organização social.

O estudo sobre etnoconhecimento preserva, a partir do registro, a sabedoria acumulada ao longo de gerações por diferentes grupos étnicos, e de certa forma, tem um desdobramento para a diversidade cultural e a preservação do patrimônio imaterial de um povo. Além disso, esse conhecimento pode ter aplicações práticas e relevantes em várias áreas, como agricultura sustentável, medicina tradicional e conservação do agroecossistema.



### 3.4 DOMESTICAÇÃO DE PAISAGENS E EXTRATIVISMO

Ao longo do tempo, os seres humanos têm modificado as paisagens naturais por meio da agricultura, pecuária e outros tipos de atividades, no impulso de propagar e se perpetuar (KAREIVA et. al 2007). Segundo o mesmo autor, essas intervenções podem incluir exploração de recursos naturais (extrativismo), desmatamento de áreas florestais, a criação de campos agrícolas, a canalização de rios, a introdução de espécies exóticas.

Segundo Clement et al., (2009) a domesticação de paisagens é a intervenção humana consciente ou inconscientemente, resultando em mudanças na ecologia da paisagem e na demografia das populações de plantas e animais. O objetivo desse processo é criar uma paisagem mais produtiva e "segura" para os seres humanos.

Por ser um processo, a intensidade de intervenção pode variar e é útil definir algumas categorias de paisagens ao longo de um contínuo, desde intocada à cultivada:

- Intocada: uma paisagem na qual humanos não tem manipulado o ambiente, nem as populações de plantas ou animais;
- Promovida: uma paisagem na qual plantas individuais e/ou populações de plantas úteis são favorecidas por meio de eliminação ou poda de algumas plantas competidoras ou pela expansão da transição florestal;
- Manejada: uma paisagem na qual a abundância e diversidade de populações de plantas úteis são favorecidas por meio de redução de competição, expansão da transição florestal, e melhoria do ambiente para seu crescimento e reprodução;
- Cultivada: uma paisagem totalmente transformada pela eliminação, por meio da derrubada e queima, do ecossistema original, aração localizada ou extensiva, gradeação do solo, capina ou roçagem de ervas daninhas, poda, adubação e uso de coberturas mortas ou vivas, irrigação e outras técnicas em qualquer combinação para favorecer o crescimento e reprodução das plantas cultivadas (CLEMENT et al. 2009).

Essas mudanças na paisagem têm como objetivo aumentar a produtividade agrícola, melhorar o acesso a recursos naturais, reduzir riscos ambientais e criar ambientes mais favoráveis às necessidades humanas. Por exemplo, a conversão de florestas em áreas agrícolas, proporcionando assim, um espaço para o cultivo de alimentos e o estabelecimento de comunidades humanas.

A partir do momento que a comunidade humana se estabelece numa determinada área, inicia-se o processo de domesticação daquela paisagem, consciente ou inconscientemente (CLEMENT, 2023).

No entanto, é importante considerar os impactos ambientais e sociais da domesticação de paisagens. Essas intervenções podem levar à perda de habitat para a fauna e flora nativas, à fragmentação de ecossistemas, à degradação do solo, à poluição da água e a outros desafios ecológicos (ALBUQUERQUE et. al, 2010) De contraste, com prática de manejo com premissas de conservação, pode apresentar elementos conservacionistas que podem subsidiar na conservação da paisagem (STEENBOCK e REIS, 2013).

Neste contexto, o extrativismo pode ser um aspecto relevante na modificação da paisagem. O extrativismo é a maneira de produzir bens em que os recursos naturais úteis são retirados diretamente da sua área de ocorrência natural, sendo empregada baixa tecnologia quando exercido por populações rurais pobres de áreas “remotas” (DRUMMOND, 1996).

A coleta de produtos vegetais, como frutas, castanhas, ervas medicinais e madeira, bem como a captura de animais, como peixes, mariscos e caça, são atividades que dependem da disponibilidade e da renovação dos recursos naturais e em alguns casos estão intimamente ligadas aos conhecimentos tradicionais e à relação das comunidades locais com seu ambiente. (HOMMA, 1993 e REGÔ, 1999)

É importante destacar que o extrativismo pode ter impactos tanto positivos quanto negativos. Por um lado, pode ser uma fonte de subsistência para as comunidades locais, fornecendo-lhes alimentos, medicamentos (ervas medicinais) e materiais para suas necessidades diárias. Além disso, o extrativismo pode desempenhar um papel na conservação de áreas naturais, uma vez que a coleta sustentável de recursos pode incentivar a proteção desses ambientes (HOMMA, 2008)

Por outro lado, o extrativismo também pode levar à superexploração dos recursos naturais, esgotando-os e prejudicando a biodiversidade. Além disso, quando não é praticado de forma sustentável, pode causar impactos negativos, como degradação ambiental, perda de habitats e diminuição das populações de espécies (HOMMA, 2012)

Segundo Homma et al. (2014), o extrativismo compreende três ciclos econômicos ou três etapas: a primeira é quando se verifica um crescimento na

extração devido à alta demanda, a segunda face é quando atingiu o limite de oferta e a última fase é o declínio na extração devido ao esgotamento de recurso. Em relação à domesticação, estas três etapas apresentam, potencialmente, impactos distintos na paisagem.

Portanto, é fundamental adotar práticas de extrativismo sustentável, que considerem a conservação dos recursos naturais, a preservação da biodiversidade e o respeito aos direitos das comunidades locais. Isso pode envolver o estabelecimento de regulamentações, a implementação de técnicas de manejo adequadas e a valorização do conhecimento tradicional das comunidades envolvidas.

### 3.5 CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

A conservação refere-se ao manejo e proteção dos recursos naturais, como biodiversidade, ecossistemas, espécies e habitats, com o objetivo de garantir sua sobrevivência a longo prazo. Envolve a implementação de estratégias e ações para preservar a integridade dos ecossistemas e promover a sustentabilidade ambiental (BESSUSAN, 2006).

A biodiversidade garante a vida. A produtividade dos ecossistemas, a manutenção de ciclos, como das águas e de nutrientes, bem como locais de refúgio de inimigos naturais de muitos insetos ou polinizadores se encontram em habitats preservados (EMBRAPA, 2011).

A conservação é fundamental para manter a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos, como o fornecimento de alimentos, água, ar limpo, polinização, regulação do clima e recreação. Além disso, a conservação desempenha um papel crucial na proteção de espécies ameaçadas de extinção, na preservação de áreas naturais e na manutenção do equilíbrio ecológico.

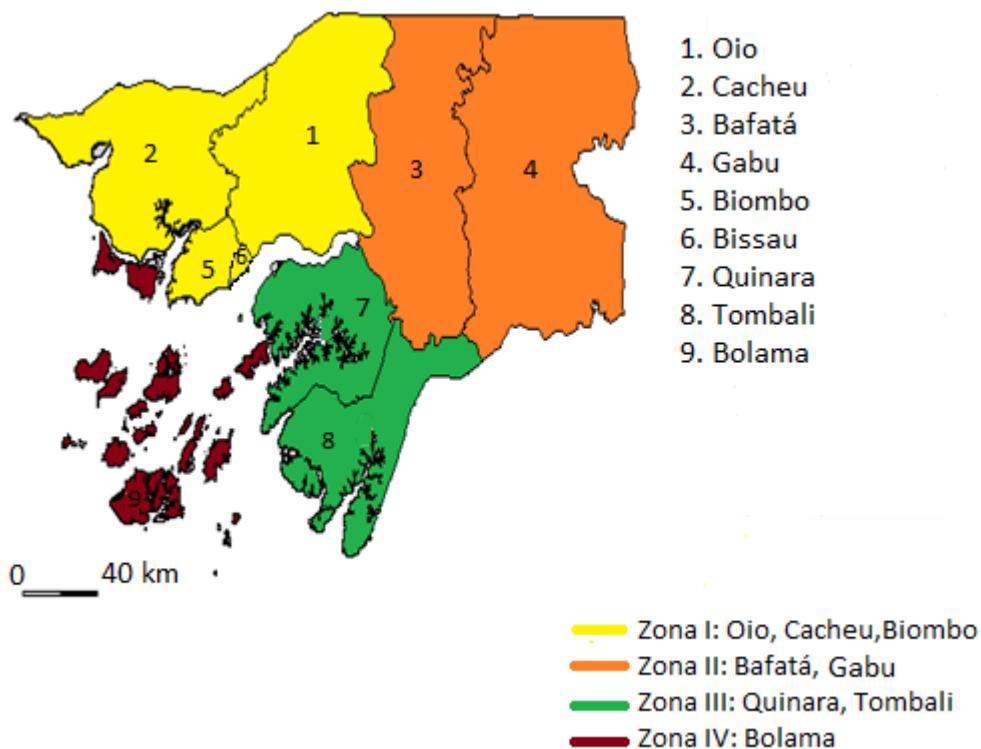
## 4 MATÉRIAS E MÉTODOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E AMBIENTAL DA ÁREA DO ESTUDO

A Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental da África. Faz fronteira ao norte com a República do Senegal, a leste e sul com a República da Guiné-Conacri e a oeste com o Oceano Atlântico. O país é composto por uma parte continental, com algumas ilhas separadas por rios, e um arquipélago chamado Bijagós (CATARINO et al., 2012).

Administrativamente, o país é dividido em oito (8) regiões, 39 setores, subdivididos em seções, além do setor autônomo de Bissau, que é a capital da República da Guiné (Figura 4). Em relação ao zoneamento do espaço rural, a Guiné-Bissau está dividida em quatro zonas agrícolas, conforme mostrado na figura 1, a saber: Zona I/zona norte, que inclui as regiões de Cacheu, Biombo e Oio; Zona II/zona leste, composta pela região de Bafatá e Gabu; Zona III/zona sul, que abrange Tombali e Quinara; Zona IV/ilhas de Bolama, designada como região de Bolama.

Figura 5: Divisão geopolítica e zoneamento rural da Guiné Bissau



Adaptação Catarino (2012)

A economia do país é baseada principalmente na agricultura e pesca, que representam cerca de 62% do PIB. O país tem como maiores produtos de exportação: peixes, castanha de caju, mariscos, óleo de palma, amendoim e produtos derivados do extrativismo florestal. Além disso, a Guiné-Bissau ocupa a sexta posição na exportação de castanha de caju (PEREIRA et. al, 2021).

O estudo foi realizado nas regiões norte e sul da Guiné-Bissau, correspondente à Zona I e III de acordo com a classificação do zoneamento do espaço rural (Figura 5).

As Zonas I e III, são compostas pelas regiões de Tombali, Quinara, Cacheu e Oio. Essas zonas possuem uma precipitação regular, solos aráveis e de condições propícias para agricultura. A disponibilidade de água doce reforça a importância para o uso destas áreas na agricultura. É importante destacar que a zona III em especial abarca o Parque Nacional de Cantanhez, a maior área protegida para preservação ambiental e biodiversidade do país (IBAP, 2019).

A região de Oio é limitada ao Norte pela República do Senegal, composta por cinco sectores: Bissorã, Farim, Mansabá, Mansoa e Nhacra. O clima da região é tropical úmido. A precipitação média anual varia entre 1.100 a 1.450 mm.

Nos meses de novembro a maio, que compreendem a estação seca, a temperatura varia entre 23 e 38° C enquanto que, nos restantes meses do ano (junho a outubro, a estação chuvosa), a temperatura varia entre 19,5 e 34° C (WORLDDATA, 2022). Os grupos étnicos predominantes são os Balantas e os Mandingas. No entanto, existem outras etnias, das quais se destaca os Fula (ANDRADE, 1995).

A região de Cacheu é composta por seis sectores: Bigene-Ingoré, Bula, Cacheu, Caio, Canchungo e São Domingos. O rio Cacheu divide o sector de Cacheu em duas partes: continental e a insular composta pelas ilhas de Djeta e Pexiche (ANDRADE, 1995). A região de Cacheu é composta por Manjacos, Mancanhas, Felupes, Balantas (INEC, 2009). O clima desta região é tropical úmido, a temperatura anual varia entre 26 a 36° C. A precipitação média anual varia entre 1.240 a 1.400 mm.

A região de Quinara é composta por quatro sectores: Buba, Empada, Fulacunda e Tite. O clima tropical úmido, temperatura média de 25° C. As etnias com maior expressão são: Biafada e Balantas, correspondendo a 36,7% e 35,2% respectivamente (INEC, 2009).

A região de Tombali localizada no extremo Sul da Guiné-Bissau, é a quinta maior extensão territorial do país (MENDES, 2017). É composta por cinco setores: Bedanda, Cacine, Catio, Como e Quebo. O relevo da região é caracterizado por paisagens compostas por mangais, nos braços de rios, campos de arroz, embondeiros, palmeiras (*Elaeis guineensis*), florestas primárias, savanas e zonas de transição (CABRAL, 1976; EMBALO, 2009).

A altitude máxima atinge 300 metros, e o clima é tropical úmido, com temperaturas e umidade relativa do ar elevadas ao longo do ano. A temperatura média anual é de 26,9°C, com uma pequena amplitude térmica de 3 a 4°C, no entanto, o mês de Maio registra a temperatura mais elevadas (27,8°C) e agosto (25,6°C) a mais baixa (CLIMATE DATA, 2022) A temperatura média anual é de 26,8°C.

A precipitação média anual é de 1.732 mm, com as maiores precipitações no mês de agosto (522 mm) e, a menor, em janeiro (0 mm) (WORLDDATA, 2022). A região de Tombali apresenta a maior pluviosidade anual e a estação chuvosa mais prolongada da Guiné-Bissau (Silva et al. 2001). Os grupos étnicos predominantes são Balantas (46,9%) e Fula (20,9%), A população pertencente às etnias Felupe e Saracole corresponde a menos de 1% (INEC, 2009).

As florestas da região apresentam uma diversidade de espécies autóctones, incluindo Faroba (*Parkia biglobosa*), Polóm (*Ceiba pentandra*), Veludo (*Dialium guineense*), Tambacumba (*Neocarya macrophylla*), Pó-di-sangui (*Pterocarpus erinaceus*), Fole (*Saba senegalenses*) entre outros (CATARINO, 2019).

#### 4.2 DELIMITAÇÃO E ESTRATÉGIA DO ESTUDO E PESQUISA

A pesquisa etnográfica, por meio de observação ou trabalho de campo, questionários semiestruturados e entrevistas informais, é necessária para compreender e incorporar os conhecimentos associados à espécie em estudo e seu potencial de uso (SANTOS, 2009).

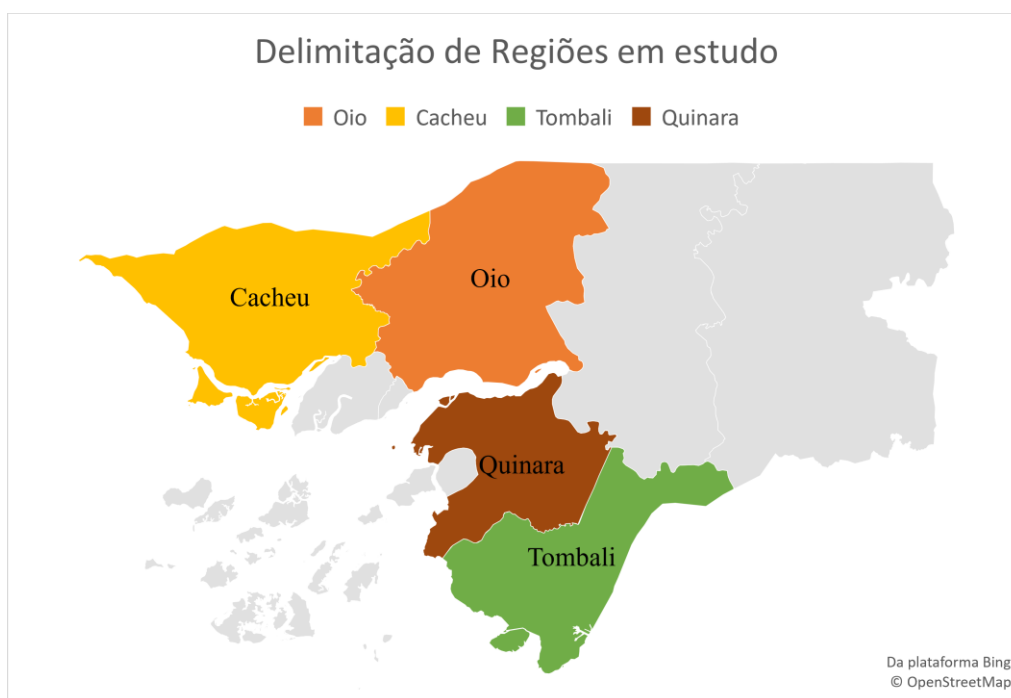
Foram realizadas entrevistas com indivíduos que possuem experiência prática com o tema em questão, além de análise de situações relatadas pelos entrevistados que visavam estimular a compreensão de uma pesquisa etnográfica e etnobotânica (ALBUQUERQUE, 2013).

Inicialmente, foi elaborado um termo de compromisso de participação na pesquisa (Anexo A), que explica os objetivos e finalidades do trabalho, bem como a origem e o propósito dos questionários. Todos os entrevistados foram solicitados a

assinar o termo antes da realização da entrevista. Na sequência, foi elaborado um questionário semiestruturado (Anexo B), que integra questões relacionados a aspectos socioeconômico e cultural e o conhecimento local envolvendo o uso e a colheita de fole. De salientar que as entrevistas foram conduzidas em língua Crioula “Kriol” da Guiné-Bissau, que é a língua mais falada no país.

O estudo foi realizado entre janeiro a março de 2023 em quatro regiões (figurar 6) previamente definidos. Foi aplicada a entrevista semiestruturada (Anexo B) para cinco informantes chaves, em cada uma das quatro principais regiões (Oio, Cacheu, Quinara e Tombali) das duas Zonas pré-definidas para a realização do trabalho, totalizando 20 entrevistas. Além das entrevistas, foram realizadas turnês guiadas, para esclarecimentos e observações complementares.

Figura 6. Regiões delimitadas para a realização das entrevistas, dentro das Zonas Rurais previamente definidas.



O método de amostragem foi do tipo *Snowball*, que consiste na indicação de informantes das mesmas características de interesse, ou seja, um informante indica o próximo informante que possui conhecimento de uso e coleta de fole, em cada uma das regiões. A técnica de amostragem intencional, mostrou-se satisfatória para BAILEY (1982), BERNARD (1994) e SANTOS (2009), em que as amostras são

intencionalmente selecionadas com base em atributos dos atores sociais que se pretende conhecer.

Foram selecionados os primeiros informantes através de indicação previamente feita por um dos técnicos da ONG *Tinguena*. Esta ONG é uma organização não governamental que atua na promoção de desenvolvimento participativo e durável, baseado na conservação dos recursos naturais e culturais e no exercício da cidadania (Tinguena,2023).

Além disso, estabeleceu-se uma comunicação com os comités e líderes religiosos, que indicaram dentro das suas comunidades, pessoas que atendem os critérios pré-estabelecidos (idade e conhecimento sobre fole) e que estariam dispostos a participar da entrevista.

### 4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Foram coletados os dados qualitativas e quantitativas, para sua análise, foram tratados com base estatístico não paramétricas. Os dados obtidos foram ordenados e agrupados, de acordo com os códigos dos informantes, categorias de uso, gênero, idade, região e grupos étnicos. Foi realizada uma análise em relação a perfil dos informantes, quanto a idade gênero e ocupação com base na transformação de dados em percentagem, além disso, estimou-se a média da idade, percentual de homens e mulheres no universo amostral e percentual por grupos étnicos.

Em segundo momento, fez-se uma descrição de tipos de uso citados em cada categoria. As categorias foram organizadas de acordo com o tipo de uso informado, baseando no questionário e nas respostas dos informantes. O suco foi categorizado como bebida, o consumo *in natura* foi categorizado como alimento, assim sucessivamente.

Calculou-se Estimativa de Valor de Uso ( $EVU = Nvc/n$ ) numa razão de 0-1, onde: o número de vezes citado ( $Nvc$ ) é dividido por total dos entrevistados ( $n$ ). Foram contabilizados os totais de frequência de citações de cada categoria, e calculado para cada grupo o índice de valor de diversidade de informante (VDI) e o índice de valor de diversidade de uso (VDU), conforme Albuquerque (2013) e Santos (2009) para avaliar a distribuição de conhecimento entre os grupos.

O cálculo do Índice de Valor de Diversidade de Informante (VDI) foi realizado, usando a seguinte formula:  $VDI = \Sigma (FC / S)$ , onde  $\Sigma$  representa a soma para todas as categorias de uso mencionadas, ( $S$ ) é o número total de citações (tipo de uso



mencionadas por cada informante ou grupo) e a frequência de citação (FC) para cada informante.

Para o Índice de Valor de Diversidade de Uso (VDU), usou-se a fórmula:  $VDU = \Sigma (FCU / U)$ , onde  $\Sigma$  representa a soma para todos os usos atribuídos às espécies mencionadas, (U) é a diversidade de usos atribuídos a cada tipo de uso mencionada e (FCU) é a frequência de citação do uso para cada categoria de uso.

Para comparar situações / categorias, foram utilizados os testes de Qui-quadrado e Mann Whitney na comparação entre 2 grupos independentes (idade e gênero) e Kruskal-Wallis no cálculo de diversidade de uso dos informantes entre regiões/ e grupos étnicos. Ambos os testes empregando  $p < 0.05$ . Para realização dos testes Kruskal Wallis e Mann Whitney foi empregado o Maxqda versão 2022.3 (VERBI Software, 2021).

## 5 RESULTADOS

### 5.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

As entrevistas foram realizadas individualmente e, na maioria dos casos, incluíram uma turnê guiada visando a obtenção de informações mais abrangentes sobre o tema em questão. Os resultados foram codificados e organizados por idade, gênero, grupo étnico e região, de modo a extrair informações como perfil dos entrevistados, usos e forma de colheita (Tabela 1).

Tabela 1: Dados socioeconômicos dos informantes relacionado a regiões, grupos étnicos, idade, gênero e principais fonte de renda e as ocupações laborais.

Código	Região	Sector	Secção	Etnia	Idade	Sexo	Prin. Fon. de renda	Ocupação
E1	Oio	Bissorã	Dando	Mandinga	56	M	castanha	Comité
E2	Oio	Bissorã	Dando	Mandinga	42	M	castanha/ carvão	Imame
E3	Oio	Bissorã	Dando	Balanta	49	M	arroz/castanha	agricultor
E4	Oio	Nhacra	Nhoma	Balanta	31	F	arroz/ castanha	extrativista
E5	Oio	Nhacra	Nhoma	Fula	34	F		comerciante
E6	Cacheu	Bula	Có	Balanta	25	F	pesca artesanal	pescadora
E7	Cacheu	Bula	Có	Mancanhe	53	F		comerciante
E8	Cacheu	Bula	Có	Mancanhe	58	M	mel	apicultor
E9	Cacheu	Bigene	P. branca	Papel	46	M		Comité
E10	Cacheu	Bigene	P. branca	Papel	37	M	Arroz/castanha	agricultor
E11	Quinara	Tite	Foia	Balanta	32	F		extrativista
E12	Quinara	Tite	Foia	Balanta	60	M		curandeiro
E13	Quinara	Tite	Foia	Balanta	58	M	arroz/ castanha	agricultor
E14	Quinara	Fulacunda	Nema	Fula	61	M		curandeiro/ imame
E15	Quinara	Fulacunda	Nema	Fula	35	F		comerciante
E16	Tombali	Cacine	Quitáfeni	Sosso	59	M	tabaco	agricultor
E17	Tombali	Cacine	Quitáfeni	Sosso	63	M	tabaco/ cola	agricultor
E18	Tombali	Cacine	Quitáfeni	Sosso	30	F	cola	agricultora
E19	Tombali	Bedamda	Cabedu	Biafada	25	F		estudante
E20	Tombali	Bedamda	Cabedu	Biafada	51	M	castanha	agricultor
Média					45,25			

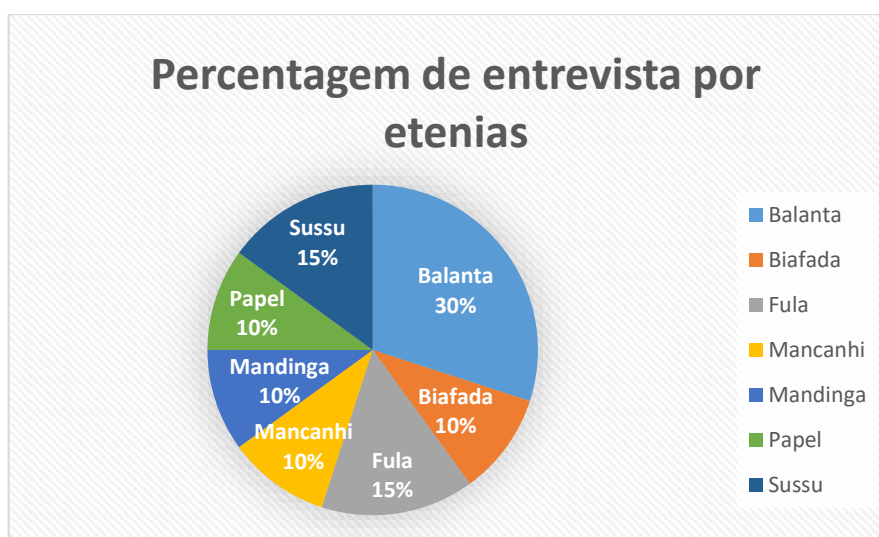
P. Branca =Ponta Branca; imame= sacerdote muçulmano que dirige as preses na mesquita.

Em relação ao perfil dos entrevistados, a faixa etária variou de 25 a 63 anos, com uma média de 45,3 anos. Isso indica uma amostra diversificada em termos de idade, permitindo obter uma percepção de diferentes faixas etárias.

Quanto ao gênero, foram entrevistados oito mulheres (40%) e doze homens (60%). Essa distribuição de gênero na amostra permite considerar perspectivas e experiências tanto de mulheres quanto de homens, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do tema abordado nas entrevistas.

Foram entrevistados indivíduos de sete grupos étnicos diferentes. Os Balantas compreenderam 30% dos entrevistados, seguidos pelos Sossos e Fulas, cada um com 15%, e os demais grupos étnicos com 10% cada. Essa distribuição desigual entre os grupos étnicos se deu devido à disponibilidade dos entrevistados (Figura 7).

Figura 7: Percentagem de grupos étnicos pertencentes aos informantes chaves.



A agricultura é a ocupação mais citada nas áreas em estudo devido à predominância da atividade agrícola de subsistência nestas regiões. A população local depende principalmente da agricultura e pesca para sua sobrevivência e sustento. Dentro desse contexto ocupacional, a pesca e extrativismo têm a predominância das mulheres, que também estão envolvidas na coleta de recursos naturais. Os homens predominam as atividades agrícolas e liderança comunitário e religiosa (*comités* e *imames*, Tabela 1).

Os *comités* são lideranças comunitárias responsáveis por tomar decisões e representar suas respectivas comunidades, já os *imames* são sacerdotes religiosos

do culto muçulmano. Essas ocupações desempenham papéis importantes na organização social e econômica das comunidades locais.

As principais culturas mencionadas pelos informantes são as culturas de arroz (*Oryza sativa*) e caju (*Anacardium occidentale L.*) (Tabela 1). No caso do cultivo de caju, o foco principal é a produção de castanhas, que já possui um mercado estabelecido. Além disso, o pseudofruto do caju também é utilizado na produção de suco e, posteriormente, pode ser fermentado para a fabricação do vinho de caju conhecido como "*Binhu di kadju*", conforme os informantes.

Adicionalmente, o tabaco (*Nicotiana tabacum*) e a noz-de-cola (*Cola acuminata*) também foram culturas agrícolas mencionadas nas regiões, especialmente em Cacine (Tabela 1). Essa ocorrência se deve, em grande parte, às regiões fronteiriças próximas à Guiné-Conacri, onde o consumo de tabaco e noz-de-cola é bastante comum. Portanto, essas regiões apresentam uma demanda significativa por cola e tabaco. A produção desses cultivos pode ser impulsionada pela proximidade com esse mercado consumidor.

## 5.2 CATEGORIAS DE USO DE SABA SENEGALENSIS

A fole possui várias utilizações e é valorizada por suas propriedades medicinais, alimentares e industriais.

Na medicina tradicional guineense, várias partes desta planta (como folhas, casca e raízes) foram mencionadas pelos entrevistados para o tratamento de diversas doenças. Por exemplo, a casca é usada no tratamento de distúrbios gastrointestinais, como diarreia e cólicas, enquanto as folhas podem ser usadas como remédio para febre e inflamações. Foram mencionadas também propriedades antimicrobianas e anti-inflamatórias.

Em relação a alimentação, os frutos do fole são comestíveis e foram mencionados o consumo fresco (*in natura*) ou temperado e usos na preparação de alimentos. Os frutos maduros possuem um sabor ácido e são frequentemente utilizados para fazer geleias, compotas e bebidas.

Em relação ao uso em construções e na indústria, o caule do fole é valorizado pela sua maleabilidade e resistência. O uso da espécie foi mencionado em construções rurais, cercas e artesanatos.

Os dados sobre o uso de fole foram agrupados e categorizados de acordo com os números de citações. Denominou-se situação de uso, a maneira como os

entrevistados usam o “fole” em diferentes ocasiões, com isso, fez-se a distribuição em categorias, seguindo de números de citação (NVC) que corresponde as vezes em que os entrevistados afirmam o tipo de situação de uso (Tabela 2). Além disso, realizou-se a estimativa de valor de uso (EVU) numa razão de 0-1, somando o número de vezes citado dividido por total dos entrevistados ( $n = 20$ ), ou seja, quanto mais próximo de 1 maior é o valor de uso. Com isso, nas situações de uso como a de suco (20 citações) o EVU de (1) representa a maior valor de uso assim como é no caso de alimentação animal e alimentação in natura (tabela 2).

De acordo com os dados, as principais citações de uso (consumo in natura, suco e alimentação animal) com EVU igual a (1), demonstrou um consenso na frequência de citações, ou seja, independentemente da região ou pertencimento étnico, idade ou gênero, estas três situações de uso se fazem presentes.

Como contraste, a pulseira (0,2), abscesso (0,25) e tratamento de queimadura (0,25) são situações de usos com EVU próximo a (0). Isto implica que, estes tipos de usos não são sistêmicos, subtende-se o seu conhecimento depende de fatores principalmente ocupação e grupo étnico.

Tabela 2: Categorização, frequência de citações e estimativa de valor de uso de *Saba senegalensis* com base em nomes em Criolo “Kriol”. E.V.U = estimativa de valor de uso  $EVU = Nvc/n$ , Nvc = número de vezes citados n = número total dos entrevistados

Situação de uso	Kriol	Categoria	N° de citações	Porcentagem (%)	E.V. U
Suco	<i>sumo</i>	bebida	20	100	1
armadilha de pesca	<i>kambua</i>	artesanato	6	30	0,3
rede de pesca	<i>ridia di piska</i>	artesanato	9	45	0,45
Cercas	<i>tapada</i>	construção	9	45	0,45
Borracha	<i>burracha</i>	indústria	16	80	0,8
Bola	<i>bola</i>	lazer	16	80	0,8
Abrigo para animais	<i>coral/ tchikeru</i>	construção	8	40	0,4
Condimento	<i>cusasinh</i>	alimento	18	90	0,9
Alimento para animais	<i>kumida di santchu</i>	alimento	20	100	1
Tratamento de queimadura	<i>kemadura</i>	medicinal	5	25	0,25
Inflamação	<i>intchadura</i>	medicinal	6	30	0,3
Abcesso	<i>mandita</i>	medicinal	5	25	0,25
in natura	<i>maduru</i>	alimento	20	100	1
Festejos tradicional	<i>sirmonia</i>	festa tradicional	8	40	0,4
Pulseiras	<i>monhi</i>	artesanato/ trad.	4	20	0,2
Cinza	<i>cinsa</i>	alimento	18	90	0,9
Açúcar	<i>asucar</i>	alimento	15	75	0,75
Sal	<i>sal</i>	alimento	18	90	0,9
Malagueta	<i>malgeta</i>	alimento	14	70	0,7
Escultura	<i>boneku</i>	artesanato	9	45	0,45
Cesteira	<i>Balei</i>	artesanato	9	45	0,45

### 5.3 DESCRIÇÃO DE SITUAÇÃO DE USO POR CATEGORIAS

#### 5.3.1 Bebida - Suco “sumo di foli”

Todos os entrevistados (que corresponde a 100% num universo dos 20 informantes chaves) reconhecem o uso e usam fole para fazer suco “*sumo di foli*”. Para fazer suco de fole: colocar a quantidade de fole (que tiver) em uma vasilha, sobre a polpa carnosa que envolve a semente adicionar açúcar e mexer até dissolver o açúcar, adicionar água em quantidade correspondente a quantidade de fole (figura 8).

O suco é uma categoria recorrente em todas as regiões, sectores e grupos étnicos, não havendo nenhuma diferença quanto ao modo de preparo e de consumo em nenhuma situação. É recorrente o seu uso nas cerimônias tradicionais de cada etnias, mas segundo os informantes não tem uma relação de cunho ritualística no que tange a preparo e consumo de suco (E5, 34 anos, 2023; E14, 61 anos, 2023).

Figura 8: Fruta de fole maduro e suco de fole preparado para o consumo



Fonte: Moreno (2023)

#### Artefatos

#### 5.3.2 Armadilha de pesca “Kambua”

A utilização da armadilha de pesca, denominada “Kambua”, foi mencionada por 30% dos entrevistados. Para confecção desta ferramenta de pesca utiliza-se ramos de fole entrelaçados formando uma estrutura de tipo oval, com aberturas na parte inferior para permitir a entrada dos peixes. “*Esta armadilha é colocada nas beiras*

*dos rios e nos mangues com uma isca dentro da estrutura que atrai os peixes a entrar, uma vez dentro da estrutura os peixes não conseguem sair*” (figura 9). (E3, 49 anos 2023).

A armadilha de pesca é um artefato que foi mencionado e encontrado nas quatro regiões pesquisadas, mas, com maior predominância nas regiões de Tombali e Quinara. No que se refere aos grupos étnicos, a maioria das etnias que compõe este grupo amostral usam este sistema de pesca. Já os Mandigas e Fulas apresentam menor número de citação nesta categoria em específico.

Figura 6: Armadilha de Pesca "Kambua"



Fonte: autor (2023)

### **5.3.3 Rede de pesca “*Ridia di piska*”**

A pesca artesanal é uma das modalidades de pesca mais antigas e com maior aderência entre os pescadores guineenses. 45% dos entrevistados afirmam que utilizam dos ramos de fole para fabricar redes de pesca. *“Para fabricação deste instrumento de pesca usam redes de 2-3 metros amarradas em ramos de fole feito num molde circular”* (como ilustrado na figura 10). (E6, 25 anos, 2023)

Os Mandingas e Fulas por praticamente, terem uma tendência cultural semelhante e por maioritariamente pertencerem a religião muçulmana com uma forte



inclinação para o sistema de pesca a canoa (também realizados por outros grupos étnicos), tendem a uma baixa utilização deste tipo de pesca (*ridia di pisca*).

Figura 10: rede de pesca artesanal "ridia di Piska"



Fonte: Barros (2021)

#### 5.3.4 Cesteira “Balei”

O Baleio ou balei como é conhecido entre os guineenses é uma vasilha feita com partes seca das arvores (ramos), possui um formato circular e concavo (ver figura 11), é muito utilizado para separar os joios de arroz, no preparo de “moni<sup>2</sup>” e para diversas outras finalidades (E13, 58 anos, Tite, 2023). É um produto artesanal comercializado nas feiras livres de Bissau e regiões e presente na maioria das casas guineenses, pois é um artigo de cozinha amplamente utilizado. A confecção de “balei” é majoritariamente realizada pelos Sossos, Balanta, Mancanhes e Papeis.

---

<sup>2</sup> *Moni*: um prato gastronômico feito pelos muçulmanos principalmente na época de jejum que antecede ramadã.

Figura 11: cesteira "Balei" comercializado na feira livre de cidade de Cacheu Região de Cacheu



Fonte: autor (2023)

### 5.3.5 Pulseira “monhi”

Monhi é uma pulseira geralmente feita com ramos maleáveis de *S. senegalensis*, muito usado principalmente pelos “*Nghaies*”, como manifestação cultural de iniciação, na iniciação de fanado (etnia Balanta). *Fanado é uma cerimônia de iniciação tradicional, onde são transmitidos os ensinamentos mais profundos sobre cultura e tradição de cada grupo étnico.* (E12, 60 anos, 2023).

O uso de pulseira “*monhi*” independe da região, mas é exclusivamente usado pelos Balantas num período preparatório a iniciação tradicional de fanado, de salientar que é usado exclusivamente para quem está na iniciação que é denominado de “*Nghaié*” (figura 12), então não é um acessório usado para qualquer pessoa. Os significados desta prática não foram relatados pelos informantes, mas asseguram que advém de um cunho cultural.

Figura 7: Nhgaié com pulseira feita de ramo de fole colocado no ante braço.



Fonte: Barros (2023)

### 5.3.6 Escultura “boneku”

As esculturas são obras artesanais geralmente feitas pelos vaqueiros “bakiaduris” com intuito de manterem a mente ocupado e isso faz com que se tenha a impressão que a hora passa mais rápido. Para tanto usam troncos do fole geralmente para fazer escultura de gado.

### Construção

### 5.3.7 Cercas “tapada”

As cercas são feitas com as partes madeiras de diferentes espécies de árvores dentre elas a *S. senegalensis*. Para construção de cercas são colocados ramos de fole interlaçados e amarados nas madeiras previamente fixadas que desempenham a função similar à de um pilar (figura 13). Estas madeiras podem ser de *Ficus exasperata* (pó-di-lixia), *Borassus acthiopum* (cibe), entre outros. As cercas são utilizadas em todas as regiões e para todos grupos étnicos.

Figura 13: Cerca feita com ramos de fole, no interior de Nhoma na região de Oio.



Fonte: autor (2023)

### 5.3.8 Abrigo para animais “coral/tchikeru”

O *coral* é estruturas construída para abrigar gados e *tchikeiro* é a estrutura construída para abrigar suínos. Normalmente são construídas no meio da aldeia com casas habitacionais em volta com objetivo de minimizar furtos e roubos. São de uso coletivo tal como na construção de cerca, o caule de fole é usado, interlaçado em outros troncos “pilar” (figura 14). Estes “pilares” podem ser de *Borassus acthiopum* (cibe) ou de outro material.

Figura 14: Abrigo para gados "coral" construído na seção de Nhacra.



Fonte: autor (2023)

## Industrial

### 5.3.9 Borracha “buraxa”

Segundo os informantes, durante a época colonial, o látex era muito procurado pelos portugueses, que ofereciam uma remuneração considerável aos produtos, visando o dobro de lucro que recolhia ao vender para indústrias europeias (no auge da revolução industrial), com isso, o extrativismo de látex era para muitos um meio de agregar renda. atualmente, segundo os relatos dos entrevistados, esta prática está em desuso desde um pouco antes da luta de libertação nacional.

## Lazer

### 5.3.10 Bola

O escasso poder econômico para adquirir uma bola, fez com que a criatividade aflorasse. Como foi relatado pelos informantes, usava-se o látex de fole para fazer bola. Com uma faca fazia-se um corte no caule do fole e coloca-se um recipiente para deixar escorrer o látex, após a recolhe, *“o látex é moldado no formato de bola e enchido de ar para dar o volume e a forma de bola, depois é levado ao sol por 15 a 20 minutos, em seguida é adicionado mais camadas de látex sobre o látex endurecido e é levado ao sol para secar e finalmente usado na partida de futebol”* (E17, 63 anos, 2023). segundo o mesmo entrevistado esta prática não é recorrente nos dias atuais pois o acesso “bola comercial” é muito mais fácil.

## Ritualístico

### 5.3.11 Rituais

A fole é usado nos rituais e/ou festejos tradicionais como casamento, iniciação entre outras. Normalmente é usado como suco refresco por exemplo, as fulas (grupo étnico) usam suco de fole no Rapa (festejo de iniciação das crianças), assim como no casamento (figura 15). Para os Balantas é usado como refresco nas cerimônias fúnebres (*toca tchur*) no casamento (*lavagem*) e na iniciação (*fanadu*). Os caules são usados para fazer pulseiras e braçadeiras usados pelos *Nhgaié* num ritual anterior a iniciação (E12, 60 anos, 2023).

Figura 15: Casamento tradicional da etnia fula



Fonte: autor (2023)

## Medicinal

### 5.3.12 Tratamento de queimadura (*kemadura*)

As folhas do fole são usadas para o tratamento de queimadura. As folhas novas são retiradas e separadas, esmagadas e aplicadas sobre a superfície da pele queimada. Este procedimento é doravante repetido até a cicatrização da queimadura, segundo relato dos entrevistados o tratamento com as folhas acelera a cicatrização causada pela queimadura, porém durante o tratamento é necessário seguir algumas recomendações para maior resultado do processo, no caso, “*deve-se reduzir o consumo de óleo e carnes gordurosas*” (E12, 60 anos, 2023).

### 5.3.13 Inflamação (*intchadura*)

“A Inflamação é uma resposta de defesa que ocorre após dano celular causado por micróbios, agentes físicos (radiação, trauma, queimaduras), químicos (toxinas, substâncias cáusticas), necrose tecidual e/ou reações imunológicas”

(ABBAS e JANEAY 2000). A inflamação é conhecida entre os guineenses como “*intchadura*”, por exemplo quando se tem contorção no tendão ou tornozelo; neste caso, a folha é usada para desinflamar a contorção. *A folha deve ser fervida e posteriormente é colocado sobre a inflamação para desinflamar* (E12, 60 anos, 2023).

#### **5.3.14 Abcesso (*mandita*)**

Abcessos são materiais purulentos (pus) que, embora normalmente decorram de infecções bacterianas, podem, em alguns casos, não representar infecções, mas serem manifestação de outras doenças cutâneas como paniculite, ou outras doenças abscedantes, como hidradenite e foliculite dissecante (Sociedade Brasileira de Dermatologia, 2021).

A *mandita* é um tipo de abcesso na pele causado pelas infecções bacterianas, que formam pus nas regiões da pele. Acredita-se que a folha de fole possua propriedades medicinais que auxiliam no processo de cura e cicatrização da pele. A folha é usada no tratamento deste abcesso, colocando-a sobre a região afetada. Este processo acelera o rompimento da *mandita*, causando assim, a expulsão precoce do pus. Além disso, *ao moer as folhas, obtém-se uma preparação que pode ser aplicada sobre o abcesso, ajudando a acelerar o processo de cicatrização* (E12, 60 anos, 2023).

#### **5.3.15 Alimentação**

A fole (fruta) é consumida de diferentes formas: *in natura* e/ou temperado com açúcar, sal e pimenta, cinza e como condimento.

Por um lado, o consumo *in natura*, em que o fruto é partido ao meio ou cortado para ser consumido, permite desfrutar do sabor e as características peculiar do fole. Essa é uma maneira simples e direta de apreciar o fruto.

Por outro lado, o consumo temperado oferece uma variação de sabores e combinações. A adição de açúcar pode proporcionar um sabor mais doce (figura 16), enquanto o sal e a pimenta podem adicionar um toque de salinidade e picância. *A cinza também é utilizada como um tempero alternativo, especialmente por pastores de gado e ovelha, quando o açúcar ou o sal não estão disponíveis.* (E13, 58 anos, 2023).

Essas diferentes formas de consumo refletem a versatilidade e a adaptabilidade da fruta de fole na culinária local. Cada abordagem pode proporcionar experiências gustativas distintas e atender às preferências individuais.

Figura 16: Fole consumido in natura, temperado a açúcar



Fonte: Moreno (2023)

#### 5.4 CATEGORIA DE USO, DISTRIBUIÇÃO E IMPORTÂNCIA DO FOLE NO CONHECIMENTO LOCAL

##### 5.4.1 Diversidade de categoria de uso pelos grupos étnicos

Na tabela 3 são apresentados os resultados referentes ao número de citações por categoria de uso e de grupos, bem como os valores de diversidade de informante e diversidade de uso (VDI e VDU). As categorias incluem uso medicinal, artesanal, alimentação, bebida, construção, lazer, indústria e ritual. Os dados são apresentados por idade (25-45; 46-63), gênero (Masculino e Feminino), região e grupos étnicos.

Foram encontradas diferenças entre as regiões e os grupos étnicos (Tabela 3). Em relação às regiões, Oio e Quinara apresentaram valores de VDI superiores a Cacheu e Tombali, indicando maior quantidade de citações de uso nas duas primeiras



regiões. Em relação aos grupos étnicos, os Balantas (0,27) diferem estatisticamente dos demais grupos étnicos

Não foram encontradas diferenças nos VDI para idade ou gênero. Este último resultados sugere que o conhecimento está homogeneamente distribuído entre os informantes de diferentes idades, bem como entre os gêneros. Ressalta-se, contudo, que os valores de desvio padrão para os VDI encontrados para as categorias de gênero e de idade foram relativamente elevados, indicando elevada variação nas repostas para estas situações e, portanto, a necessidade de uma amostragem maior para obtenção de informações mais consistentes.

Tabela 3: Dados sobre números de citações de diferentes tipos de uso de *Saba senegalensis*, para categorias com dois ou mais grupos de informantes. Índice de grau de distribuição e grau de homogeneidade do conhecimento local de fole (Valor de diversidade de informante (VDI\*) e valor de diversidade de uso (VDU\*\*))

Categoria	Grupo	Uso medicinal	Artesanal	Alimento	Bebida	Construção	Lazer	Indústria	Ritual	VDI (X±D.P.)
Idade	25 – 45 anos (n=9)	5	6	9	9	4	2	2	4	0,32±0,16
	46 -63 anos (n=11)	8	10	1	1	10	8	6	8	0,57±0,10
Gênero	Masculino (n=12)	7	7	2	12	12	6	5	9	0,67±0,20
	Feminino (n=8)	6	9	8	8	2	3	3	3	0,33±0,17
Região	Oio (n=5)	4	4	5	5	4	3	4	3	0,25±0,04a
	Cacheu (n=5)	2	3	5	5	3	2	2	2	0,19±0,07b
	Quinara (n=5)	5	5	5	5	5	3	1	4	0,26±0,09a
	Tombali (n=5)	2	4	5	5	3	2	1	3	0,19±0,08b
Grupos étnicos	Balanta n=6)	4	5	6	6	5	3	1	4	0,27±0,09a
	Mandinga (n=2)	2	1	2	2	0	1	2	1	0,09±0,05c
	Fula (n=3)	1	2	3	3	1	0	3	1	0,11±0,06c
	Mancanhi (n=2)	2	2	2	2	2	2	1	2	0,12±0,02c
	Papel (n=3)	1	2	2	2	2	2	1	2	0,11±0,03c
	Sussu (n=3)	1	2	3	3	3	1	0	1	0,11±0,06c
	Biafada (n=2)	2	2	2	2	2	1	0	1	0,09±0,04c
	Total de citação	13	16	20	20	15	10	8	12	-
	VDU	0,65	0,8	1	1	0,75	0,5	0,4	0,6	-

VDI\*: Valor de diversidade do informante. VDU\*\*: valor de diversidade de uso. Médias seguidas de letras diferentes nas linhas diferem entre si para cada variável. Médias sem letras não apresentaram diferenças estatísticas entre si. \*Para comparações entre mais de duas grupos, foi usado o teste de Kruskal-Wallis ( $p < 0,05$ ). Para comparações entre dois grupos foi usado o teste Mann-Whitney ( $p < 0,05$ ).

Os dados em relação a colheita de frutos foram categorizados em grupos: tipo de ferramenta (catana e foice), altura de corte do pecíolo (0-10cm; 11-21cm). E foi avaliada a frequência de citação entre grupos referente a idade (25-45; 46-63), gênero (masculino e feminino), entre as regiões (Oio, Cacheu, Quinara e Tombali) e entre grupos étnicos (Tabela 4).

Na Tabela 4 são também apresentados os valores de diversidade de informante (VDI, média e desvio padrão) por idade dos informantes, bem como a frequência de citações das categorias de tipo de colheita. Não foram encontradas diferenças entre categorias de idade ou de gênero. Indicando procedimentos e ferramentas similares nas categorias em questão (Tabela 4). O valor de diversidade de uso (VDU) não apresentou diferença significativa (0,7; 0,75; 0,65; 0,7) (Tabela 4), indicando uma homogeneidade de usos entre categorias catana e foice, bem como entre as alturas de corte de pecíolo.

Tabela 4: Frequência de uso de ferramenta de colheita (catana e foice) e altura de corte (H = 0-10; 11-21cm) em diferentes categorias e valores de diversidade de informante (VDI) e valor de diversidade de uso (VDU) em relação à colheita da fruta de fole.

Grupos	Catana	Foice	0 - 10 cm	11- 21 cm	VDI (X±DP)	
25 – 45	6	5	7	5	0,4	0,09
46 -63	8	10	6	9	0,41	0,10
Masculino	12	11	5	9	0,58	0,14
Feminino	2	4	8	5	0,34	0,19
Oio	4	3	3	5	0,26	0,056
Cacheu	2	5	4	2	0,22	0,088
Quinara	5	4	5	3	0,3	0,068
Tombali	3	3	1	4	0,19	0,075
Balanta	4	5	2	4	0,26	0,05
Mandinga	1	2	1	2	0,1	0,013
Fula	2	2	3	1	0,14	0,028
Mancanhi	2	1	1	2	0,1	0,026
Papel	2	2	3	1	0,14	0,025
Sussu	2	1	2	2	0,12	0,016
Biafada	1	2	1	2	0,1	0,006
Total de citação	14	15	13	14	-	-
VDU	0,7	0,75	0,65	0,7	-	-

VDI\*: Valor de diversidade do informante. VDU\*\*: valor de diversidade de uso. Médias seguidas de letras diferentes nas linhas diferem entre si para cada variável. Médias sem letras não apresentaram diferenças estatísticas entre si. \*Para variáveis com mais de duas grupos, foi usado o teste de Kruskal-Wallis ( $p < 0,05$ ). Para variáveis com dois grupos foi usado o teste Mann-Whitney ( $p < 0,05$ ).

Para análise dos dados de ciclo de comercialização para cada região (Cancheu, Quinara, Oio e Tomabali), foram avaliadas as frequências de citações de três categorias de vendas: Feira Livre (F.L), Venda ambulante (V.A) e Atravessador (ATR.) de ciclo de comercialização (Tabela 5).

Tabela 5: Frequência de citações de ciclos de comercializações de três categorias de venda para as regiões, com respectivos medias e desvio padrão

Regiões	Feira Livre	Vendedor(a) Ambulante	Atravessador	Méd.	DP
Cacheu	4	2	1	2,33b	0,95
Quinara	1	2	3	2c	0,66
Oio	1	2	5	2,66a	1,50
Tombali	3	2	0	1,66d	1,08
Soma	9	8	9	-	-

F.L.: feira livre; V.A.: venda ambulante; ATR.: atravessador; Méd.: media e DP: desvio padrão.

Neste trabalho é considerado feira livre (*lumo*), a feira organizada nas regiões semanalmente, como venda ambulante, as vendas que acontecem nas rodovias e a categoria atravessador, as vendas que envolvem os atravessadores.

De acordo com o teste de Kruskal-Wallis ( $p < 0.0026$  há diferenças significativas nas frequências medias das categorias de formas de vendas/ métodos de comercialização nas diferentes regiões.

A comercialização está ligada a disponibilidade e a ocorrência de fole na paisagem da região em estudo. Os dados sobre paisagem foram ordenados de acordo com as citações de área de ocorrência mencionados pelos informantes, onde a mata foi mencionada por todos os informantes (20). Já a bolanha foi mencionado (8) vezes e lala (6).

A tabela 6 apresenta valor de consenso dos informantes para área de ocorrências, onde o mato (0.58) apresenta maior valor de consenso, seguido de bolanha (0.23) e lala (0.17). Os resultados sugerem que a mata é a área de ocorrência de consenso dentro deste grupo amostral.

Segundo os informantes, a mata constitui uma área de pouco acesso, geralmente reservada para rituais tradicionais. Por ser uma área de fatores antrópicas reduzida, a densidade de ocorrência tende a ser maior quando comparado com Lala e bolanha.

Quadro 1: Valor de consenso de informantes (VCI) para áreas de ocorrência de *S. senegalensis* na região de Oio, Tomabali, Quinara e Cacheu

Áreas de ocorrência <sup>a*</sup>	Número de citações	Descrição de área <sup>**</sup>	VCI <sup>***</sup>
Mato	20	Áreas com árvores de porte maior dossel fechado	0.58
Lala	6	Áreas de savanas ervosas, sem árvores nem arbustos, onde, por vezes, se pode cultivar arroz	0.17
Bolonha	8	Grande terreno pantanoso, geralmente perto de um rio, onde se cultiva ou se pode cultivar arroz	0.23
Total de citação	34		

\*Áreas de ocorrências com os nomes fornecidos pelos entrevistados \*\* descrição feita com base em informações fornecidas pelos informantes \*\*\*Valor de Consenso dos Informantes (VCI) para área de ocorrência é calculado por: número de vezes em que uma determinada área foi mencionado, dividido pelo total de citações de todas as áreas (34).

O resultado quanto a plantio demonstrou que nenhum dos entrevistados (n=20) planta a Fole, no entanto, existe uma vontade de plantar por parte de alguns dos entrevistados. A alegação por parte da maioria dos entrevistados vem da ideia da disponibilidade de fole nas matas, sendo assim, aproveitam as suas áreas para plantio de cultivos convencionais.

## 6 DISCUSSÃO

### 6.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS CONHECIMENTO LOCAL DE SABA SENEGALENSES

É importante observar e tentar compreender a influência do perfil dos entrevistados no conhecimento local em relação as categorias de uso mencionadas anteriormente, para tal, é necessário levar em consideração os aspetos tradicional e filosófico das comunidades. Segundo Alexiades (1999), o perfil dos entrevistados demonstra influência sobre o conhecimento local de uma determinada planta, principalmente quando analisado com base na idade, gênero, grupo étnico, região e/ou localidade e ocupação.

Estudos realizados quanto ao efeito de idade sobre conhecimento de planta e o seu uso (NZEBO et. al, 2018; LAWIN et. al, 2019), indicam que usualmente indivíduos acima de 40 anos detêm mais conhecimento sobre a planta e o seu uso do que indivíduos abaixo de 40 anos. A mesma situação foi observada também no

estudo que avalia como as limitações ao uso de espécies florestais nativas podem contribuir com a erosão do conhecimento ecológico tradicional e local de agricultores familiares no Sul do Brasil (ZUCHIWSCHI et. al, 2010).

A filosofia africana valoriza a sabedoria e o conhecimento dos anciãos (HAMPATÊ BÁ, 2003). A valorização dos anciãos como guardiões do conhecimento também ressalta a importância de se preservar e promover a transmissão dessas tradições culturais. Isso pode ser feito por meio de iniciativas que incentivem a interação entre as gerações, a valorização dos anciãos como mentores e a criação de espaços para a transmissão do conhecimento tradicional.

Nesse sentido, é compreensível que os entrevistados mais velhos tenham apresentado um número maior de citações, em média, nos estudos referidos anteriormente. Isso pode ser atribuído à acumulação de experiência e vivência ao longo dos anos, o que os torna detentores de um conhecimento mais abrangente sobre o assunto em questão.

De toda forma, o resultado deste estudo, quanto a idade, indicam não existir diferenças entre os grupos [25 – 45 anos (VDI =0,32) e 46 – 63 anos (VDI = 0,57), Tabela 3], conforme o teste de Mann Whitney a 5%. Contudo, isso pode ser o reflexo do tamanho reduzido da amostra. No entanto, este resultado corrobora com os resultados do artigo de Kouyaté et al. (2020) sobre conhecimento local dos frutos de *Saba senegalensis*, contra a desnutrição no Mali, onde também não foram encontradas diferenças entre idades.

No que tange a questão de gêneros, no geral a distribuição do conhecimento não difere estatisticamente entre Homens (0,57) Mulheres (0,32), o que pode ser também efeito do tamanho amostral reduzido, pois os valores numéricos de VDI foram expressivamente contrastantes. De toda forma, a inexistência de diferenças também foi relatada por Kristensen et al. (2003), quando avaliou a percepção, uso e disponibilidade de plantas lenhosas entre os Gourounsi em Burkina Faso. Outrossim, corrobora com os resultados obtido em outros estudos realizados no sul do Brasil, como em Santos (2009).

Por outro lado, estudos realizados por Neira et al. (2020) e Kouyaté et al. (2020) demonstraram diferença entre gêneros. Contudo, isto pode ter ocorrido principalmente devido à diferença no tamanho amostral entre os trabalhos.

Partindo do pressuposto de que o conhecimento local entre homens e mulheres é reflexo da sua educação e responsabilidade laboral (Grenier, 1998), uma análise focada em categorias específicas demonstra a diferença nestes dois grupos em termos de citações de uso. Por exemplo, na categoria artesanal o número de citações de uso para as mulheres (9) é superior em comparação aos homens (7), já na categoria de construção, homens (12) citaram um número superior de uso em relação a mulheres (2).

Isto demonstra o efeito das atividades laborais, a organização cultural e social no seio de conhecimento local, ou seja, uma categoria de uso de uma planta é mais ou menos conhecido entre as mulheres ou os homens, de acordo com as tarefas culturalmente atribuídas e ocupação de cada indivíduo. A pesca artesanal, por exemplo, é maioritariamente realizada pelas mulheres nesta região. Portanto, elas constroem as ferramentas de pesca utilizando caule de fole, sendo assim têm maior conhecimento em termos de categoria de uso artesanal. Os homens ficam a cargo de construção, por isso têm maior conhecimento de uso de fole na construção, sendo uma atividade maioritariamente realizado por eles.

Além disso, a influência do perfil étnico, regional e ocupacional também pode ser um reflexo da diversidade de experiências e tradições dentro da cultura guineense. Cada grupo étnico pode ter suas próprias práticas e conhecimentos específicos relacionados a fole.

Na tradição Fula, o suco de fole é utilizado no “*Rapa*”, um festejo de iniciação das crianças, assim como em casamentos. *Esse suco de fole serve como uma bebida refrescante durante essas celebrações, contribuindo assim, para a atmosfera festiva* (E15, 2023).

Para os Balantas, a fole é usado como refresco nas cerimônias fúnebres, conhecidas como “*toca tchur*”, assim como em casamentos e iniciações, como o “*fanadu*”. Essa prática demonstra a importância do fole como uma bebida simbólica nessas ocasiões especiais, “*desempenha um papel de purificação, renovação e conexão com os ancestrais*” (E12, 60 anos, 2023).

Além disso, é interessante mencionar que o caule do fole é utilizado na confecção de pulseiras e braçadeiras pelos “*Nhgaiés*”, como parte de um ritual prévio à iniciação. “*Esses acessórios têm um significado simbólico e representar uma transição ou preparação para o próximo estágio da vida*” (E12, 60 anos, 2023).



Nota-se uma percepção e conhecimento de uso distinta entre os grupos étnicos, onde a tradição cultural de cada grupo influencia no conhecimento. Isto pode ser explicado por razões intrínsecas e a particularidade cultural de grupo étnico. Resultados semelhantes foram obtidos pelo Kouyaté et. al. (2020); Neira et al. (2020) e NBali et. al. (2021). Por outro lado, difere dos resultados obtidos pelo Lulekal et. al. (2013) em estudo etnomedicinal de plantas usadas para doenças humanas no distrito de Ankober, zona norte de Shewa, região de Amhara, Etiópia.

No entanto, é importante reconhecer que os dados obtidos são limitados tendo em conta o tamanho amostral para compreender completamente a influência do perfil dos entrevistados no conhecimento de fole. Seria necessário um tamanho amostral mais robusto que poderia representar fielmente toda esta diversidade do mosaico etnocultural.

## 6.2 USO DE FOLE E A CONJUNTURA DE CONHECIMENTO LOCAL

É importante ressaltar que a literatura existente e os estudos científicos são uma fonte valiosa de informações sobre a diversidade cultural e o conhecimento tradicional associado às plantas e suas aplicações. Combinar esses conhecimentos com pesquisas locais, pode fornecer uma visão mais abrangente e contextualizada do uso das plantas em uma determinada região ou cultura.

No entanto, é sempre necessário levar em consideração as limitações e o contexto específico de cada estudo ou fonte de informação. É possível que existam variações nas práticas de uso de plantas, mesmo dentro das mesmas regiões ou culturas, devido a fatores como diferenças locais, tradições específicas e mudanças ao longo do tempo.

Portanto, ao interpretar os resultados do estudo, e compará-los com a literatura existente, é importante considerar essas nuances e reconhecer a importância de pesquisas adicionais para obter uma compreensão mais aprofundada e abrangente do uso de plantas, como *Saba senegalensis*, em diferentes contextos culturais.

*Saba senegalensis* ocorre principalmente no Sudão do Sul e na África Ocidental, particularmente na Costa do Marfim, Burkina Faso, Gana, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Mali e Níger. Os números de citação de uso categorizados (8) neste

estudo não diferem muito dos usos encontrados na literatura Kouyaté et. al. (2020); Sarr et, al. (2019). Isso sugere que as descobertas do estudo estão alinhadas com o conhecimento existente sobre o *Saba senegalenses* e seu uso nas suas regiões de ocorrência.

Essa consistência entre os dados deste estudo e a literatura existente fortalece a confiabilidade e a validade das informações coletadas sobre o uso do *Saba senegalensis*. Ao comparar os resultados do estudo com o conhecimento prévio é possível obter uma imagem mais completa e precisa do uso tradicional e dos padrões culturais associados a essa planta ou categoria específica.

É notória a diferença de citação de uso entre as regiões de Oio (25,0) e Tombali (26,0) e Cacheu e Quinara ambos (19,0). Esta diferença pode ser explicada por composição de grupos étnicos e a trajetória histórica dos grupos, as suas práticas tradicionais e também pela faixa etária e gênero dos entrevistados. Segundo Aguirre-Neira et al. (2020), o efeito cultural sobre a distribuição do conhecimento, no caso do *camu-camu* (*Myrciaria dubia*), uma mirtácea amazônica, pode ser analisado a partir das diferentes etnias que interagem com a espécie. Portanto, esta afirmação corrobora com a ideia de que os grupos étnicos podem ter um conhecimento de uso específico baseado nas suas tradições e costumes.

A divisão das regiões não se dá necessariamente por um grupo étnico específico, embora um grupo pode ter maior número de representantes por região.

Por exemplo, A região de Cacheu ocupa uma área de 5.175 km<sup>2</sup> é composta nomeadamente por Manjacos, Mancanhas, Felupes, Balantas (ANDRADE, 1995; FAO, 2004; INEC, 2005).

Neste sentido, a distribuição de conhecimento quanto a regiões depende dos grupos étnicos participantes da entrevista, visto que os conhecimentos estão afincados intrinsecamente a grupos étnicos. De salientar que a convivência e partilha entre grupos étnicos pode influenciar de alguma maneira nos conhecimentos entre grupos.

Este resultado segue na direção dos resultados encontrados pelo Kouyaté et. al. (2020) na avaliação de influência de localidades no conhecimento local em Mali e na contramão dos resultados obtidos pelo Ayantunde et al. (2008).

Neste quadro as convergências e divergências podem estar assentes na configuração étnica presente no estudo e conseqüentemente na sua distribuição

espacial e temporal nas regiões. Os Balantas constituem maior número de entrevistados (6) e estão presentes em maior número nas regiões de Oio e Quinara, sendo assim, é possível que este aspecto apresentou influência na diferença encontrada, quando comparado as duas outras regiões.

É necessário enfatizar a questão tamanho do universo amostral que, de certa forma, pode ter limitados resultados obtidos. Um maior tamanho amostral representaria de forma mais consistente as hipóteses levantadas.

### 6.3 EXTRATIVISMOS, CONSERVAÇÃO E PERSPECTIVA DE DOMESTICAÇÃO

A coleta é feita, utilizando dois tipos de ferramentas: catana e foice. Na categoria de gênero e idade não houve diferença significativa entre os grupos, idade 25 – 45 (0,40), 46 – 63 (0,41); homem (0,58), mulher (0,38). Não foi encontrada diferença significativa também entre os grupos em relação a gênero e idade, indicando que o conhecimento sobre o uso das ferramentas é compartilhado igualmente entre eles, ou seja, distribuição de conhecimento quanto a ferramenta de uso é compartilhada de igual modo.

*“Aqui, tanto homens, como mulheres, jovens e adultos, utilizam catana (tarçadu) como foice (faca) para colheita de fole, porque quando você estiver com fome ou quer vender fole no mercado você só vais pegar o que estiver em seu alcance (catana ou foice) e ir para floresta (mato) colher a fruta.”* (E20, 51 anos, 2023).

O que se observa neste relato do informante 51 é que não é só uma questão de partilha de conhecimento endógena, mas, entra a questão de autossuficiência alimentar e financeira. Por falta de recursos ou até pela questão cultural, a pessoa e instruída a procurar o alimento e até mesmo a agregar valor sobre o conhecimento adquirido.

Uma outra questão tem a ver com a interação do indivíduo com o meio ecossistêmico inserido. Uma vez que do “mato” provem os recursos alimentícios necessário para sua sobrevivência, portanto a forma de lidar com os recursos naturais, automaticamente, serão de preservação/conservação, consciente ou inconscientemente.

*“A gente coleta a fole só quando maduros, porque se tirarmos sem a maturação efetiva o sabor altera. [...] para saber que está maduro cutucamos a fruta*

*através do som que emite, percebemos que está ou não está maduro. Tiramos o necessário e deixamos o resto para macaco (santchu) que também alimentam de fole” (E11, 32 anos, 2023).*

Percebe-se uma preocupação em relação a conservação pelo uso dos recursos e conseqüentemente a conservação da paisagem.

Elementos como a fala dos informantes oferecem subsídios também para inferir sobre a domesticação da paisagem.

Clement (2001) definiu a domesticação de paisagem como processo inconsciente e consciente em que a intervenção humana na paisagem resulta em mudanças na ecologia da paisagem e na demografia de suas populações de plantas e animais, resultando numa paisagem mais produtiva e “segura” para os humanos.

No entanto, partindo deste pressuposto, as atividades de coleta mencionadas pelos informantes, como por exemplo, os cuidados em tirar os frutos no ponto de maturação ideal, tirar só o necessário, assim como coleta de outras partes da planta (folha, caule e raiz), caracteriza um esforço em manter a população da espécie produtivo.

De certa forma, o manejo da colheita e os usos podem influenciar na distribuição da população desta espécie, com isso, modificando a paisagem favorecendo a espécie, à medida que manejos tradicionais (cuidados em colheita entre outros) foram adotados. Então, as ações antrópicas, na interação seres humanos - ecossistemas constituem um ponto focal na alteração da paisagem (OLIVEIRA et. al, 2011).

A domesticação de paisagens envolve a transformação de ambientes através da influência e atividades humanas. É um processo complexo que inclui fatores como interações sociais, variáveis ambientais e ações humanas (PÉREZ-VALLADARES et. al, 2021). Segundo os mesmos autores, os fatores sociais, como a identidade étnica, a distância às estradas e a posse da terra, desempenham um papel significativo na presença e distribuição de paisagens domesticadas.

As origens da domesticação não são um processo tecnologicamente progressivo, mas sim um processo lento e complexo que envolve grandes populações em vastas áreas com ligações culturais sustentadas (ALLABY et. al, 2021).

Na perspectiva de domesticação da paisagem, os resultados obtidos sobre áreas de ocorrências sugerem que a paisagem, do ponto de vista de uso e de extrativismo a ele exercido, apresenta uma categoria que tende a ser promovida.

Segundo Clement et al (2009) a paisagem promovida contempla plantas individuais e/ou populações de plantas considerada úteis para a comunidade e que são favorecidas pela eliminação ou poda de algumas plantas competidoras, especialmente com o uso do fogo.

Os relatos dos informantes mostram que (principalmente nas matas) não se têm um manejo “planejado e controlado” para favorecer a ocorrência de fole (como por exemplo a eliminação/poda de plantas à redor), no entanto, o uso desta área para fins ritualísticas tradicional/cultural, pode inconscientemente promover a fole e, conseqüentemente a paisagem.

Hang et. al (2018), demonstrou que O conhecimento local influencia a domesticação da paisagem, ligando as comunidades locais, formando um sistema de conhecimento e facilitando o estabelecimento da identidade e do desenvolvimento local.

Portanto, para uma inferência a domesticação, com mais firmeza para inferir sobre o estágio de domesticação da paisagem é importante um estudo de caso direcionado para este fim em específico e, ampliar o tamanho amostral dos informantes.

#### 6.4 CADEIA COMERCIAL DE SABA SENEGALENSES

A cadeia comercial de fole na região de Quinara e Tombale gira em torno dos *Lumos* (as feiras livres) e na região de Oio e Cacheu, passa pelos atravessadores.

*“A gente vende nos lumos (feiras livres regionais) nos sábados, onde vem pessoas de outras Tabankas (vilas) e até mesmo de Bissau comprar fole para revender (varejistas), mas os senegaleses vêm sempre comprar fole conosco. O meu filho vende só pra eles porque eles pagam mais” (E6, 53 anos, 2023).*

A sazonalidade da planta também afeta a cadeia comercial de fole nessas regiões, a sua disponibilidade no mercado está diretamente ligada ao período de colheita. Isso significa que a demanda e o preço do fole variam ao longo do ano, de acordo com a sazonalidade. Segundo os informantes, a colheita se dá no início da estação chuvosa, entre os meses de maio e junho.

Além disso, é necessário considerar os fatores externos, que podem influenciar a cadeia comercial de fole. Esses fatores externos podem incluir mudanças na regulamentação governamental, políticas de importação e exportação, variações climáticas, entre outros (MOTA et al. 2008; BENTO et al. 2013; GASPARI et al. 2016).

No entanto, é importante ressaltar que o Senegal está mais avançado em termos de industrialização de fole. Segundo Ndaiyé (2023), a indústria de fole em Ziguinchor – SN onde a compota de fole é fabricada, tem influenciado a cadeia comercial de fole nas regiões da divisa. A existência dessa indústria pode criar novas oportunidades de negócios, bem como demanda por matéria-prima de fole. Isso pode impactar a dinâmica da cadeia, agregando valor ao produto e criando novos mercados para os produtores locais. Estes aspectos podem também afetar as perspectivas de conservação e uso local da espécie.

Mesmo com toda esta dinâmica de comercialização, não é nítido a influência de comercialização no conhecimento local, visto que não interferiu diretamente nas citações de uso de fole e nem no incentivo de cultivo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento tradicional associado ao uso de *Saba senegalensis* desempenha um papel significativo no favorecimento da conservação da biodiversidade e na promoção do bem-estar das comunidades guineenses. O conhecimento local sobre *Saba senegalensis* é intrinsecamente ligado ao contexto cultural, histórico e ambiental das comunidades.

As práticas ritualísticas/culturais mantidas e transmitidas de geração em geração, promove em alguns casos, o uso consciente dos recursos naturais, visto que são recursos parte dos processos rituais, no entanto, à preocupação em conserva-las para futuras gerações (sustentabilidade).

Destacou-se (21) tipos de usos nas diferentes categorias como alimentação, medicinal entre outros. A fole sendo uma planta frutífera tem uma possibilidade real de contribuir na diversificação de alimentação mundial devido ao crescimento populacional. Além disso, é rico em carboidratos e em vitaminas A, K e C, o que a torna um potencial mecanismo de combate à desnutrição nos países em desenvolvimento.

O conhecimento sobre *Saba senegalensis* está vinculado a ocupação labor entre os gêneros. A distribuição de conhecimento de Fole quanto as regiões e grupos étnicos não apresentam diferença devido a tamanho amostral deste trabalho.

De salientar que pontos como conhecimento e aplicação ritualísticas, não foram aprofundados devido à natureza das informações e por se tratar de conhecimentos exotéricas que antes de tudo implica numa iniciação e conhecimento profundos.

Para uma compreensão mais completa, futuras pesquisas com amostras mais robustas podem fornecer *insights* adicionais sobre a influência do perfil dos entrevistados no conhecimento local e a sua distribuição.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Lidiamar Barbosa et al. **Restauração ecológica de matas ripárias: uma questão de sustentabilidade**. Embrapa Cerrados. Planaltina DF, p. 75, 2010.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (org.). **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife, PE: NUPEEA, 2013. p.127-145.
- ALEXIADES, Miguel N. **Etnobotânica dos Ese Eja: Plantas, saúde e mudança em uma sociedade amazônica**. Universidade da Cidade de Nova York, 1999.
- ANDRADE, R.D.B. **Elementos para elaboração do esquema diretório da agrícola regional (Região de Biombo, Cacheu e Oio), MDRA**. Bissau, 1995.
- AYANTUNDE, Agostinho. A. BRIEJER, Mirjam. HIERNAUX, Pierre. et al. **Botanical Knowledge and its Differentiation by Age, Gender and Ethnicity in Southwestern Niger**. Hum Ecol 36, 881–889 (2008). <https://doi.org/10.1007/s10745-008-9200-7>.
- BARROS, Miguel de. **Associativismo juvenil enquanto estratégia de integração social: O caso da Guiné-Bissau**. Lisboa, 2011.
- BARROS, Miguel de. **Como superar a dependência do caju e o populismo na gestão da economia**. Voz de Bissau. Bissau, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yMc9Esertis&pp=ygUQbWIndWVslGRlIEJhcnJvcw%3D%3D>. acesso em: 26 de junho de 2023.
- BARBIERI, Rosa Lía; STUMPF, Elisabeth Regina Tempel (Coord.). **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2008.
- BENSUSAN, Nurit. **Conservação da biodiversidade em áreas protegidas**. FGV Editora, 2006.
- BELEMLILGA, Mohamed. TRAORÉ, Aristide. OUÉDRAOGO Sylvain. et al. **Anthelmintic activity of Saba senegalensis (A.DC.) Pichon (Apocynaceae) extract against adult worms and eggs of Haemonchus contortus**. Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine, 2016.
- BESPALHOK, J.C.; GUERRA, E.P.; OLIVEIRA, R. Introdução de Plantas. In: GUERRA, E.P.; OLIVEIRA, R.; BESPALHOK, J.C. (Org.). **Melhoramento de Plantas**. Disponível em: <[www.bespa.agrarias.ufpr.br](http://www.bespa.agrarias.ufpr.br)>, p.2 - 7. (2011) Acesso em: 28 fev. 2022.
- BOAMPONSEM, Georgina A. et al. **Determinação da composição bioquímica de Saba senegalensis** (fruto Saba). 2013.



BORRÁS, Maria. Rosa. Lozano. **Plantas da Amazônia: medicinais ou mágicas - Plantas comercializadas no Mercado Municipal Adolpho Lisboa**. Manaus. (2003). Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas. 322p.

BURKILL HM. 1985. **As plantas úteis da África tropical ocidental**. Vol. 1. Kew: Royal Bot Gardens. les ralentissements et les fléchissements économiques. Roma: FAO; pág. 253.

CARDOSO, Augusto. Saberes e práticas tradicionais da etnia bijagós e suas relações com a organização, a gestão e a conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau. 2010.

CATARINO, Luís; INDJAI, Bucar. **Árvores florestais da Guiné-Bissau**. IBAP-Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (Guiné-Bissau), 2019.

CLEMENT, Charles R. 1492 **and the loss of Amazonian crop genetic resources. II. Crop biogeography at contact**. Economic Botany, v. 53, n. 2, p. 203-216, 1999.

CLIMATEDATA.org. **Clima: Guiné-Bissau**. <https://pt.climate-data.org/africa/guine-bissau-47/>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

CPLP. **Agricultura familiar e segurança alimentar e nutricional na CPLP**.

Relatório final. Disponível em:

<[https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/livro\\_seguranca\\_alimentar.pdf](https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/livro_seguranca_alimentar.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CLEMENT, Charles R. **Domesticação de plantas e paisagem**. DipsoidCast. Ganhos genéticos. Episódio 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5x94QliphZ0>. Acesso em: 21 de julho de 2023.

CPLP. **Agenda comum para uma agricultura sustentável – Contribuições das federações de pequenos agricultores da comunidade dos países de língua portuguesa (CPLP)**. Documento de posição, Rio+20; Rio de Janeiro. Disponível em: <[https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/livro\\_seguranca\\_alimentar.pdf](https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/livro_seguranca_alimentar.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2022.

DAVIDSON-HUNT, J. Iain. JACK, Phyllis, MANDAMIN, Edward. WAPIOKE, Brennan. **Iskatewizaagegan (shoal lake) plant knowledge: an anishinaabe (ojibway) ethnobotany of northwestern ontario**. Journal of Ethnobiology, Canadá, 2005. doi: 10.2993/0278-0771.

DO RÊGO, José Fernandes. **Amazônia: do extrativismo ao neoextrativismo**. Ciência hoje, v. 25, n. 146, p. 62-65, 1999.

DIABAGATÉ, Hadja Mawa Fatim et al. **Caracterização bioquímica e perfil nutricional da polpa de Saba Senegalensis da floresta da Costa do Marfim**. American Journal of Food and Nutrition, v. 7, n. 1, pág. 19-25, 2019.

DRUMMOND, José Augusto. **A extração sustentável de produtos florestais na Amazônia brasileira**. Estudos sociedade e agricultura, 1996.

ELLIS, William. **Plant knowledge: transfers, shaping and states in plant practices**. Anthropology Southern Africa, (2018).; Vol: 41. Ed: 2. pág:80-91. doi: 10.1080/23323256.2018.1476165.

EMBALÓ, Garcia Bacar. **A vulnerabilidade da população às alterações agro-ecológicas. Estudo de caso no setor de Pirada, região de Gabu, Guiné-Bissau**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa (Portugal).

EMBRAPA, **Preservação e conservação da biodiversidade**. Embrapa Clima Temperado. Pelotas RS, 2011.

FAO, 2018. **L'état de la sécurité alimentaire et de la Nutrition dans le monde**. In: Reforço a resiliência face às alterações climáticas para a segurança alimentar e nutricional. FAO; pág. 218. Roma, 2018.

FRAZÃO-MOREIRA, Amélia. **As classificações botânicas Nalu (Guiné-Bissau): consensos e variabilidades**. Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 5, n. 1), p. 131-156, 2001.

GAYE, Sarr Médoune et al. **Intake Nutritional Variabilities of Saba senegalensis Fruits**. Food and Nutrition Sciences, v. 13, n. 10, p. 826-834, 2022.

GRENIER L. 1998. Trabalhando com conhecimento indígena. Um guia para pesquisadores. Ottawa: IDRC. pág. 150.

HARLAN, J. R. **Crops and man**. Madison: American Society of Agronomy, 1992.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades**. 1993.

HUANG, Huichin. CHANG, Shenglin, Elijah. **Localized Innovation of Knowledge Community - Creation of Local Knowledge and Learning Landscape**. Science OPEN. Malaysia (2018). doi: 10.21834/E-BPJ.V3I7.1310

IBAP, **Reforço da gestão da rede das AP's**. Relatório de atividades do Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas (IBAP). p. 17. Bissau, 2008.

JANEIRO, C., R. Cangarato, A. Araújo e J. Palmeirim. 2008. **Gestão de Áreas Protegidas da Guiné-Bissau**. Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas & 360 Graus, Cultura e Ambiente. Évora, Portugal. 71p.

JUNIOR, O. B. S; SOTO, M. **Educação ambiental e etnoconhecimento: parceiros para a conservação da diversidade de aves pantaneiras**. AMBIENTE & EDUCAÇÃO. vol. 11. 2006.

KAREIVA, Peter et al. **Natureza domesticada: moldando paisagens e ecossistemas para o bem-estar humano**. Ciência, v. 316, n. 5833, pág. 1866-1869, 2007.

KOUYATÉ, Amadou Malé et al. **Local knowledge of Saba senegalensis fruits against malnutrition in Mali**. *Forests, trees and livelihoods*, v. 30, n. 1, p. 47-56, 2021.

LAWIN, I. F., Houèchégnon, T., Fandohan, A. B., Salako, V. K., Assogbadjo, A. E., & Ouinsavi, C. A. I. N. (2019). **Connaissances et usages de Cola millenii K. Schum. (Malvaceae) en zones guinéenne et soudano-guinéenne au Bénin**. *Bois & Forêts des Tropiques*, 339, 61–74. <https://doi.org/10.19182/bft2019.339.a31716>. Bénin, 2019).

LULEKAL E, Asfaw Z, Kelbessa E, Van Damme P. **Estudo etnomedicinal de plantas usadas para doenças humanas no distrito de Ankober, zona norte de Shewa, região de Amhara, Etiópia**. *Etnobiol Ethnomed*. 9:1–63. Etiópia, 2013.

LUIZ, Marcos; MIRANDA, Cavalcanti De; MANUZZI, Aldo; GESNER, Classificação De; GESNER, Konrad. **A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD 1**. *Revista África e Africanidades*, v. 1, n. 4, p. 1-15, 2009. ISSN 1983-2354.

MAFORT, Marcela Eringe et al. **Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo**. 2019. **Etnoconhecimento: saberes que ultrapassam o tempo**. *Ciência Hoje*, v. 301, p. 1-3, 2019.

MEDINA, Nambú. **O ecossistema orizícola na Guiné-Bissau: principais constrangimentos à produção na Zona I (regiões de Biombo, Cacheu e Oio) e perspectivas**. Portugal, 2008.

MENDES, Jorge. **Modernização da agricultura e situação atual dos agricultores da região de Tombali, província Sul, Guiné-Bissau**. Bissau, 2021.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. **A variação do conhecimento ecológico local segundo o gênero e idade de moradores das Ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC)**. In: *Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil*. Caxambu–MG. 2007.

MIRANDA, MLC de. **A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD**. *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, v. 8, 2007.

NASCIMENTO, Ailza Maria Lima; RAMOS, Elba Maria Nogueira Ferraz; DA SILVA, José Severino Bento. **Conhecimento e uso das plantas da Caatinga por agricultores locais moradores de uma comunidade rural do município de Pesqueira Estado de Pernambuco**. *CIENTEC-Revista de Ciência, Tecnologia e Humanidades do IFPE*, v. 10, n. 1, 2019.

NANQUE, Honório Lima. **Comparação entre a cultura do grupo étnico papel e a cultura do grupo étnico Balanta da Guiné-Bissau**. *Revista Faz Ciência*, v. 24, n. 39, p. 137-155.

NBALI, Nelito Nhanca et al. **Produção de arroz sob diferentes culturas étnicos na Guiné-Bissau**. Agroecologia: métodos e técnicas para uma agricultura sustentável - Volume 5. Redenção -CE, 2021.

NDIAYE, Ousmane. **Vertus de Saba senegalês (maad)**. Entrevista em SMS tv. Senegal, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=Ndaye+saba+senegalensis](https://www.youtube.com/results?search_query=Ndaye+saba+senegalensis). Acesso em: 21 de junho de 2023.

NETO, Eraldo Medeiros Costa. **XI Simpósio brasileiro de etnobiologia e etnoecologia**. I festival de sementes crioulas da Bahia. 2016.

NZEBO, JM. Et al. **État des connaissances et usos traditionnels de fruits de Tetrapleura tetráptera (Schumach. & Thonn.) Taub., planta espontânea aromática alimentar du sud-est de la Côte d'Ivoire**. J Anim Plant Sci. 38(1):6190–6205. Cotê d'Ivoire, 2018.

OREN, Shelef., WEISBERG, Peter, J., PROVENZA, Frederick, D., (2017). **The Value of Native Plants and Local Production in an Era of Global Agriculture**. Frontiers in Plant Science, doi: 10.3389/FPLS.2017.02069. Nevada, 2017.

OLIVEIRA, Rogerio Ribeiro; ENGEMANN, Carlos. **História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na floresta atlântica do sudeste brasileiro. Esboços: histórias em contextos globais**, v. 18, n. 25, p. 9-31, 2011.

ONU News. **Perspectiva Global: Reportagens Humanas**. Disponível em: < População mundial deve ter mais 2 bilhões de pessoas nos próximos 30 anos | ONU News> acesso em, 13 de março de 2022.

PEREIRA, Sofia. LOPES, Catarina, S. PEDROSO, João, Pedro. **Mapping Cashew Orchards in Cantanhez National Park (Guinea-Bissau)**. Remote Sensing Applications: Society and Environment, Lisboa (2022). doi: 10.1016/j.rsase.2022.100746.

QUIRINO, Glauberto da Silva. **Saber científico e etnoconhecimento: é bom pra quê?** Ciência & Educação (Bauru), v. 21, p. 273-283, 2015.

RIBAS, Rafael Perez; SEVERO, Christiane Marques; MIGUEL, Lovois de Andrade. **Agricultura familiar, extrativismo e sustentabilidade: o caso dos "samambaieiros" do litoral norte do Rio Grande do Sul**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 45, p. 205-226, 2007.

RINDOS, D. The evolution of domestication. In: RINDOS, D. **The origins of agriculture: an evolutionary perspective**. San Diego: Academic Press, 1984. p. 140-143.

SANTOS, K.L.; PERONI, N.; GURIES, R.P.; NODARI, R.O. **Traditional Knowledge and Management of Feijoa (Acca sellowiana) in Southern Brazil**. Economic

Botany, v. 63, n. 2, p. 204–214, 2009. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/225179795\\_Traditional\\_Knowledge\\_and\\_Management\\_of\\_Feijoa\\_Acca\\_sellowiana\\_in\\_Southern\\_Brazil](https://www.researchgate.net/publication/225179795_Traditional_Knowledge_and_Management_of_Feijoa_Acca_sellowiana_in_Southern_Brazil)>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SARR, Médoune Gaye et al. **Saba senegalensis: key features and uses.** \*Food and Nutrition Sciences, v. 9, n. 09, p. 1099, 2018.

SILVA, J.A. (2021). **Mutações e hibridização no melhoramento de plantas.** Jornal de Ciência Agrícola, 10 (2), 45-56. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2021.01.001>

SOUSA JÚNIOR, J. R.; ALBUQUERQUE, U. P.; PERONI, N. **Traditional knowledge and management of Caryocar coriaceum Wittm. (pequi)\* in the Brazilian Savanna, Northeastern Brazil.** Economic Botany\*, v. 67, n. 3, p. 225-233, 2013.

STEENBOCK, Walter; REIS, Maurício Sedrez dos. **Domesticação da paisagem em bracingais de assentamentos rurais no Noroeste do Planalto Catarinense.** Ciência Florestal, v. 23, p. 427-437, 2013.

SCUDELLER, Veridiana Vizoni; VEIGA, JB da; ARAÚJO-JORGE, LH de. **Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé).** Biotupé: meio físico, diversidade biológica e sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central, v. 2, p. 185-189, 2009.

SHEBITZ, Daniela. **"Weaving Traditional Ecological Knowledge into the Restoration of Basketry Plants."** Journal of Ecological Anthropology v9, no. 1 (2005): 51-68.

TININGUENA - Esta terra é nossa. **Contribuir para durabilidade do patrimônio natural e cultural para o bem-estar das gerações presentes e futuras.** <https://tiniguena-etn.org/sobre-nos/>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

WHITE, Robert G. **Foraging patterns and their multiplier effects on productivity of northern ungulates.** Oikos, p. 377-384, 1983.

WORLDDATE.info. **Guiné-Bissau: dados e estatísticas do país.** <https://www.worlddata.info/africa/guinea-bissau/index.php>. Acesso em: 22 junho de 2023.

## ANEXOS A

Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais (PPGEAN)  
Campus de Curitibanos.

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI ESTRUTURADAS

#### DADOS GERAIS:

Zona: \_\_\_\_\_ Região \_\_\_\_\_ Sector \_\_\_\_\_ Secção \_\_\_\_\_  
Comunidade (tabanca) \_\_\_\_\_  
Aquisição da área \_\_\_\_\_ Tamanho de área \_\_\_\_\_  
Nome do informante: \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_ Escolaridade \_\_\_\_\_  
Número de pessoas/famílias: \_\_\_\_\_ Etnia \_\_\_\_\_  
Fonte de energia (luz) \_\_\_\_\_ Água para consumo \_\_\_\_\_  
Água para agricultura \_\_\_\_\_  
Tipo de agricultura \_\_\_\_\_ principal cultura \_\_\_\_\_  
Criação animal \_\_\_\_\_ principal fonte de renda \_\_\_\_\_  
Pluriatividade \_\_\_\_\_

#### CONHECIMENTO LOCAL DA CULTURA

Como conhecestes o fole?

Qual foi o teu primeiro contacto com o fole?

Existe algum uso de fole nos rituais “sirmonia” tradicionais?

Tem algum relato do uso de fole na medicina tradicional?

Outros tipos de uso: madeira, artesanato, vedação...

Consome fole \_\_\_\_\_ se sim, como?

O que o fole representa na sua alimentação?

Tem alguma lembrança e/ou história com fole?

Já ouviu algum relato dos teus avós e ou pais sobre fole?

Qual foi a utilidade do fole na luta pela independência e na guerra de 98?

Tem alguma outra denominação para fole nesta região ou na sua língua étnica?

#### USO

Além da alimentação existe outra utilidade do fole?

Utiliza a raiz? \_\_\_\_\_ se sim, como?

Utiliza as folhas e flor \_\_\_\_\_ se sim, como?

O que você faz com a semente do fole?

Utiliza a planta em algum ritual tradicional? Se sim, Como?

Utiliza na medicina tradicional?

Se sim, para que tipo de tratamento?

#### COLHEITA /COLETA

Qual é a época de colheita?

Como é a colheita do fole?

Como você identifica o ponto de colheita?

Existe alguma preferência com relação a cor tamanho e sabor da fruta?

Reconhece alguma mudança no tamanho cor e sabor durante esses tempos?

Utiliza alguma ferramenta para colheita?

A colheita é só para o consumo ou consumo/venda?

Como é feita coleta de:

Raiz \_\_\_\_\_

Flor: \_\_\_\_\_

Ritidoma/súber (casca) \_\_\_\_\_

#### VENDA

Onde você vende? (e/ou: para quem vende?)

Qual é o fator limitante da venda?

Quando (mês) existe maior demanda?

Qual é o preço unitário?

Para quem você vende?

Para onde vai os teus produtos?

Existe outros locais de venda?

Retorna algum produto pronto a base de fole?

Como a venda influencia na exploração da fruta?

#### PAISAGEM

Como é/ são o (s) local (is) onde faz a coleta? [Como era a paisagem?]

Como eram antigamente? (se mudou, quando mudou? Porque mudou?)  
Como está a planta agora, tem muitas nos lugares onde ocorre?  
Tem de diferentes tamanhos/ idades?  
Qual é o tempo de uso?  
Existe algum rio, lago ou riacho ou ambiente/ local de preferência do fole?  
Onde o fole cresce bem? Porquê nesta situação?)  
Qual é o tipo de vegetação?  
Onde o fole ocorre com abundancia?  
Histórico da área (o que tinha antes o que tem agora)?  
Vai continuar tendo fole nos mesmos lugares?  
Existe alguma condição que contribui no tipo de planta (arbustivo, trepadeira)?  
Onde ocorre plantas trepadeiras?

#### PLANTIO

Planta fole \_\_\_\_\_ se sim, como?  
Se você for plantar fole, onde e como plantaria?  
Dá pra plantar perto de casa?  
Precisa algum cuidado especial?  
As sementes demoram pra germinar (dormência)?  
O que fazem para acelerar o processo de germinação?

#### CONSERVAÇÃO

Qual é o destino final da semente de fole depois do consumo?  
Existe alguma unidade de conservação/área protegida?  
O que está sendo feito em relação a espécies ameaçadas de extinção?  
Existe alguma política governamental ou do poder local/tradicional de incentivo a conservação?  
Tem alguns animais que consomem o fruto?  
Isso atrapalha o processo de coleta?  
Qual é a alternativa de coleta quando se tem animais envolvido?



## ANEXOS B

Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais (PPGEAN)  
Campus de Curitibanos.

### GUIA DI INTRIVISTA

#### DADUS GERAL:

Zona: \_\_\_\_\_ Region \_\_\_\_\_ Sektor \_\_\_\_\_ Sekson \_\_\_\_\_  
Tabanka \_\_\_\_\_  
Kuma ku bu konsigui ponta \_\_\_\_\_ Tamanhu di ponta \_\_\_\_\_  
Nomi di informanti: \_\_\_\_\_ Idadi \_\_\_\_\_ Escolaridadi \_\_\_\_\_  
Número di famílias: \_\_\_\_\_ Etnia \_\_\_\_\_  
Fonti di energia (luz) \_\_\_\_\_ iagua pa bibi \_\_\_\_\_  
Iagua pa regua \_\_\_\_\_  
Tipu di labur \_\_\_\_\_ ke ku bu mas ta labra \_\_\_\_\_  
Kriason di animal \_\_\_\_\_ principal fonti di renda \_\_\_\_\_  
Utrus tarbadju \_\_\_\_\_

#### KUNSI FOLI

Kuma ku bu cunsi foli?  
Kal ki bu primeru kontaktu ku foli?  
I tem algum uso di foli na sirmonia?  
Bu sibi si foli ta usadu suma mesinhu di terra?  
I tem mas utru manera di usa foli?  
Bu ta kume foli? Kuma?  
Ke ku foli ta representa na bu alimentason?  
Bu tene algum storia ou lembransa ku foli?  
Bu donas ou bu papes tchiga di kontau passada sobri foli?  
Kal ki influencia di fole na luta di independencia?  
Kuma ku bo ta tchomam foli na bo etnia?

#### USO

Além di alimentason bu ta usa foli pa utru cusa?

Bu ta usa raiz, kuma?  
Bu ta usa folha ku flor, kuma?  
Ke ku bu ta fasi ku kuku di foli?  
Bu ta usa foli suma mesinhu?  
Kal duensa ki ta kura?

#### COLHEITA /COLETA

Kal ki tempo di foli?  
Kuma ku bu ta tira foli?  
Kuma ku bu ta sibi kuma foli maduru?  
Bu ta kudji tamanhu kor ku sabura?  
Bu sibi si kontra tamanhu di foli ba ku gos mansia?  
Kuma ku bu ta tira foli?  
Bu ta tira foli so pa kume ou bu ta bindi tam?  
Kuma ku bu ta korta  
Raiz \_\_\_\_\_  
Flor: \_\_\_\_\_  
kabaku

#### BINDI

Nunde ku bu ta bindi foli?  
Ke ku ta pui bo ka bindi tchiu?  
Na kal mis ku djintis mas ta cumpra foli?  
Kantu ku foli kusta?  
I tem utru kau di bindi fole?  
kuma ku bindi foli ta influencia na splorason di foli?

#### KAU

Kuma ku kau sta ba?  
Nunde ku bo ta tira foli?  
Nunde ku foli mas ta tem?  
Na diferente kaus ku bo ta tira foli, tamanhu ta diferente?  
Foli ta tem perto di lagua riu ou mar?  
Na kal condison ku foli ta kirsi

Kal tipu di vegetason?

Storia di e kau nunde ku foli tem mangadel

Foli na kontinua tem sempre?

PLANTIO

Bu ta planta foli? Si sim kuma?

Si bu na planta foli um dia nunde ku bi na plantal i kuma?

I da pa planta perto di kasa?

Foli precisa di algum kuidadu diferente?

Kuku ta tarda pa nasi?

## KONSERVASON

Nunde ku bu ta bota kuku?

I tem algum kau di guarda simintera?

Si fili sta na kaba ke ku bo sta na fasi pa foli kontinua tem pa no mininus amanha?

I tem algum lei di stadu ou di regulo pa tira foli?

Animal ta kume foli?

Kal animal?

Animal ta kansa bos na hora di tira foli?

Hora ku bo odja animal la kuma ku bo ta fasi pa tira foli?

## **Anexo C**

### Termo de consentimento

Chamo-me André da Silva Indú, sou estudante da Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil, estou desenvolvendo um trabalho sobre *Saba senegalensis* (Fole) e busco compreender como os agricultores/extrativistas e a comunidade rural em geral usa esta planta. Este trabalho é importante para que possamos entender o estado de arte desta planta e assim sistematizar o conhecimento local, com vista na conservação, manutenção e promoção das espécies autóctones.

O nome do trabalho é “Etnoconhecimento associado a *Saba senegalensis* (Fole) no extrativismo e agricultura familiar Guineense”.

Pretende-se com este trabalho conhecer o que sabem sobre esta planta e como a usam. Com a vossa permissão queremos fazer algumas perguntas e para fins de registro tirar umas fotografias, fazer gravação quando necessário e ir com vocês onde vocês fazem coleta/colheita de fole, numa turnê guiada (quando possível). A qualquer momento podem interromper ou desistir de participar do trabalho sem trazer nenhum prejuízo. Este trabalho não tem nenhum benefício financeiro, os resultados serão passados para vocês e só serão usadas simplesmente para fins acadêmicos.

Em caso de dúvidas, podem me perguntar ou nos telefonar pelo telefone:

+245 95 585 99 47 (Bissau)

+55 48 99859 6616 (Brasil)

Entrevistado: Depois de saber do que se trata a pesquisa, de como será feito e do direito que eu tenho de participar ou desistir dela sem prejuízos para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em fazer esta pesquisa.

-----  
Entrevistado

-----  
Entrevistador

Localidade e data

## **Anexo D**

C:\Users\indua\OneDrive\Área de Trabalho\dissertação\fotos e videos\Nhacra

C:\Users\indua\OneDrive\Área de Trabalho\dissertação\fotos e videos\Nhoma

C:\Users\indua\OneDrive\Área de Trabalho\dissertação\tabelas e gráficos

C:\Users\indua\OneDrive\Área de Trabalho\dissertação\artigos

C:\Users\indua\OneDrive\Área de Trabalho\dissertação\entrevista